

**PARAIBA
PECUÁRIA**

MARÇO -- 1980
ANO 5 -- Nº 15

Vendas em bancas -- Paraná,
Maranhão, Ceará, Rio Grande
do Norte, Paraíba, Pernambuco,
Alagoas, Sergipe e Bahia --
Cr\$ 80,00

AGROPECUÁRIA TROPICAL

Em MAIO
de 3 a 10,
EXPOSIÇÃO
NACIONAL
de ZEBU
em
Uberaba,
MG



QUE RESTA
DA AGROPECUÁRIA, META
PRIORITÁRIA?

Sinval Palmeira

DELFIN: "O COVEIRO DO NORDESTE" -- (?)

análise fria dos pecuaristas.

**O BRASIL NAO PODE SER LEVADO A
SÉRIO?**

**VENEZUELA PODE EXPORTAR MAIS ZEBU
QUE O BRASIL**

LEITE NOS TRÓPICOS -- Huascar Terra do Valle
**NÃO QUEREMOS MAIS, NEM ACEITAMOS
MENOS** -- Gugé Ferraz

*O presidente Figueiredo cumprirá, sem dúvida, suas palavras
prometendo dias melhores para o Nordeste, mas, durante a
espera, o que fazer com o rebanho nordestino?*





FAZENDA N.S. APARECIDA

JOSÉ e ANA RITA TAVARES DE MELO

GURINHÉM, Paraíba — CEP 58.356 — Caixa Postal, 1 — Fone: (081) 326-6267;



TRADIÇÃO em GUZERÃ, desde 1895 — Quase 100 anos de seleção

"Até hoje, somente um GUZERA-JA conseguiu superar um outro JA"



ATÔMICO-JA

peso: 505kg (nov. 79).

Nasc.: 30.7.78.

• Campeão Bezerra-Expo Nordeste/79.

• Melhor Novilho Precoce da Raça-Expo-Nordestina/79.

ASTÚCIA-JA

peso: 355 kg (nov. 79).

Nasc.: 24.7.78.

• Campeã Bezerra-Expo-Nordestina/79.



PESADO

PRECOCE

PURO

LEITEIRO

MANTEIGUEIRO

MANSO

Fundador: VIRGOLINO DE FARIAS LEITE NETO
MARÇO - Nº 15 - ANO V - 1980

Edição Conjunta com
AGROPECUÁRIA TROPICAL - nº 2

EDICAMP - EDITORA CAMPESINA LTDA
RECIFE, PE - R. Luis de Camões, 144 -
Caixa Postal - 6033 - CEP 50 000
João Pessoa, PB - Caixa Postal - 98

Diretor: Rinaldo dos Santos
Revisor p/Zootecnia: Virgolino de Farias Leite Neto
Diagramação: R.S. Ribeiro
Arte Final: Flávio Roberto Buzerra
Fotografia: Rinaldo dos Santos
Tradução: Paul Collins
Circulação: Garibaldi Cittadino
Administração: Deimar S. Ribeiro
Centro de Ciências Agrárias, PB: Maria Eunice Villarim
Instituto de Zootecnia, Km 47, Rio: Saulo Villarim
Orientação: Artigos já publicados: Santo Lunardelli (São Paulo), V. Coronado (Paraíba), William Koury (São Paulo), Euripedes Oliveira (PB), Ariano Suassuna (Paraíba), José Ferraz de O. Gugu (Bahia), Walter de Carvalho (Minas), Antônio Ernesto de Salvo (Minas), José Mário Junqueira de Azevedo (São Paulo), Arnaldo Rosa Prata (Minas), Clóvis Cavalcanti (Pernambuco), Hugo Prata (São Paulo), Manoel Dantas Vilar Filho (Paraíba), José Resende Peres (Rio), Sebastião Simões (Paraíba), Sivaldo Palmeira (Bahia), Walter Henrique Zancaner (São Paulo), Hélio Paranaíba (Piauí), Renato Duarte (Pernambuco), Mendonça Neto (Alagoas), Tito Victor.
Colaboradores: Paulo Roberto da Miranda Leite (Paraíba), Fausto Pereira Lima (São Paulo), Sílvio Cameiro Leitão (Paraíba).

Direção Comercial: Rinaldo dos Santos
Recife, PE - Caixa Postal - 6033
São Paulo, SP: Victoriano Medeiros de Mello - R. Elias, 53, granja Julieta, Santo Amaro. Fone: 521-1290
Itapetinga, BA: Givaldo Sampaio Santos - Alameda Rui Barbosa, 27. Fone: (071) 245-3248
Belo Horizonte, MG: Antônio Magalhães Drummond. R. Entre Rios, 61. fone: (073) 222-6472

PUBLICIDADE NACIONAL: Pereira de Souza Ltda.
Recife, PE: Francisco Ignácio Ferreira da Silva - R. Balthazar Marques, 15, cj. 411. Fones: (081) 222-2327/5918 - Telex: (081)11704 CEP 50000

Salvador, BA: Pça. 15 Mistérios, 41. Fones: (071) 242-3486/0701.
Fortaleza, CE - Travessa dos Maranguapes, 2 Fones: (085) 226-4423/0565
Rio de Janeiro, RJ: Av. Graça Aranha, 174, sala 509/12. Fone: (021) 222-0242. Telex: (021) 22775.
São Paulo, SP: R. Araújo, 79, 7º. Fone: (011) 259-6332/6111. Telex: (011) 21656.
Porto Alegre, RS: R. Vigário José Inácio, 30, cj. 72. Fone: (051) 224.8939. CEP 90000.
Curitiba, PR: R. Dr. Goulart, 87. Fone: (041) 252-3282. CEP 80000.
Belo Horizonte, MG: R. Aymoré, 1882. Fone: (031) 222-9552. CEP 30000.
Blumenau, SC - R. São Paulo, 1039. Fone: (0470) 322-2460
Brasília, DF: SCS, Edif. São Paulo, 5º. Fone: (061) 223-5426. CEP 70000.
Belém, PA: Travessa da Piedade, 587. Fone: (091) 222-1736. CEP 60000.
Florianópolis, SC: R. Flávio Tavares da Cunha, s/n. Fone: (048) 244-3689. CEP 03185.

AGROPECUÁRIA TROPICAL, título propriedade da Edicamp Editora Campesina Ltda, destina-se a mostrar as potencialidades e realizações da agropecuária nacional, principalmente as nordestinas, num diálogo vivo, através de pronunciamentos dos próprios empresários rurais, técnicos e autoridades regionais. Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da revista e são de responsabilidade dos que os subscrevem. A editora mantém o direito de publicar as contestações recebidas, por parte dos leitores. Não são sugeridos, como autorizamos a transcrição de trabalhos publicados, citando-se a fonte. Assinatura por um ano: Cr\$ 600,00. Dois anos: Cr\$ 1.100,00. Exemplar avulso: Cr\$ 80,00. Exemplar atrasado: Cr\$ 100,00. Assinatura p/ Exterior: US\$ 60,00.

Distribuidores Regionais: Procure nessas endereços os números atrasados:

BAHIA: Salvador. Distribuidora Souza, R. Independência, 18, Nazaré. Fone: (071) 243-7478/6678.
● Feira de Santana: Unibancas: R. Castro Alves, 879.
● Itapetinga: Dante Albano Menezes Lopes, Pça. da Bandeira, 25, 1º.
● Ipiatú: Dermalva Ribeiro Reis, R. Jaldo Reis, 165.
● Jacobina: R. Cel. Teixeira, 50. Fone: 621-1137.
● Itabuna: Reinaldo A. Sousa. R. Fuffo Galvão, 201.
PERNAMBUCO: Pegasus Distribuidora, R. Marques de Amorim, 71 Boa Vista. Fones: (081) 222-6117.
PARAIBA: Garibaldi Cittadino, R. 13 de Maio, 663. Fone: (083) 222-0085. João Pessoa.
● Campina Grande: R. Peregrino de Carvalho, 212. Fone: (083) 321-2649.
RIO GRANDE DO NORTE: Wilamy Hidd Santos, Av. Duque de Caxias 70. Fone: (084) 222-0137.
CEARÁ: Distribuidora Algor. R. Floriano Peixoto, 1233. Fone: 231-3944. Fortaleza, CE.
Crato, CE: Distribuidora Maia: R. Dr. João Pessoa, 400.
PARÁ: Distribuidora Luso Mercantil, R. 13 de Maio, 524. Fone: (091) 223-4519. Belém, PA.
● Santarém, PA: Wilson Lobato de Oliveira, R. Galdino Veloso, 650.
GOIÁS: Goiânia: Valdevino Ferreira Borges, Rua 24, nº 588, centro. Fone: (062) 225-6582

Produção Gráfica
Fotolito e impressão em offset: Grafica Santa Marta, Rua da Aroia, João Pessoa, PB. Fone: (083) 221-5072

CONVERSA
AO PÉ DA
PORTEIRA

"Um país que não pode ser levado a sério" (?)

Enquanto as medidas político econômica provocam o descalabro da pecuária na região que contam com a alternativa de uma agricultura, o DNO-CS, ou seja um órgão próprio do Governo Federal, acaba de quantificar no Nordeste, a área disponível para o aproveitamento com capins resistentes à seca, capins esses finalmente aprovados em Quixadá, CE; Pendência, PB e no Piauí. Há dezenas de anos que os australianos e texanos utilizam suas regiões secas para produzir carne para exportação e o mesmo deverá ocorrer no Brasil, a depender apenas dos bons ventos da política festiva que orienta os Ministérios.

São 40 milhões de hectares aguardando, assim, o capim buffel que, somado à fenação e silagem, pode quase dobrar o rebanho brasileiro! E o que é mais importante: essas áreas estão "abandonadas" e seu cultivo não irá desalojar cultura nenhuma. Pelo contrário, deslocando a pecuária para essa extensa área, normalmente as faixas molhadas do Nordeste irão se liberando para a produção de grãos. Ou seja, a solução é ótima para a região e ótima para o país, que precisa aumentar suas exportações, forçosamente. E os nordestinos aceitarão, de bom grado, o desafio de enfrentar o rigor das caatingas, com o aval de uma política sadia e... honesta.

Essa solução, tão óbvia para os pecuaristas, vem sendo pregada há dezenas de anos, pois a consorciação de capins resistentes à algaroba e outras forrageiras exóticas darão, sem dúvida, uma dupla utilização a uma terra que hoje, não tem nenhuma! O Governo, no entanto, míope tecnocrata, buscando apenas iludir o público com obras faraônicas, tem preferido "mostrar Distritos Industriais artificiais, sem quaisquer vínculos com a realidade regional, aumentando ainda mais a tensão social e o fosso entre sudeste e nordeste. "Um país que arrisca esvaziar as panelas para pagar grandes construções não pode, definitivamente, ser levado a sério!"

Muitas soluções têm sido apontadas para o Nordeste, mas o que se vê é que elas servem apenas para gerar um

"bem estar" no sul do país, pela via da imprensa, sendo que valem pouco para a região, pois dificilmente são levadas a bom termo. As próprias lideranças políticas regionais acolitam-se perniciosamente em Brasília, preocupando-se apenas em conservar o emprego seguro e tranquilo, "a despeito do povo." Assim, como esperar medidas sensatas?

Esse é um país onde a seriedade escondeu-se: embora o presidente Figueiredo tenha utilizado grandiosas frases, endossadas prontamente por Delfim Netto e Andreazza, nada está acontecendo para garantir dias melhores para o Nordeste... muito pelo contrário! A verba para construção de... 10.000 açudes e 3.000 poços, como prevíamos, não passou de um blefe e - na verdade - apenas o arrocho econômico-fiscal é uma realidade tangível para o produtor rural. Como diz Marcelo Gomes, presidente da Associação Baiana de Pecuáristas, o que falta ao Brasil é um Judiciário realista e democrata, pois a impunidade, principalmente ministerial, é a mãe de todos os desatinos cometidos. O governo arrasou os cafezais, aniquilou o rebanho nacional, faz importações pecaminosas... e ninguém pode reclamar! Aumentou os juros, cortou os créditos, taxou à vontade o setor rural... e todos têm que se manter calados! O exemplo mais grotesco é o caso das últimas enchentes: o Governo garantiu que não mais haveria enchentes, o agropecuarista acreditou e agora, maldosamente, as enchentes vêm, fora de hora, por desleixo das barragens, e destroem as lavouras... e ninguém pode exigir indenização! Porque tudo isso, porque essas vergonhas? Apenas para manter o ímpeto de novas construções, e os ministros somente acreditam, após os desastres sobre o setor rural! Para o azar da classe!

Delfim Netto, o homem que criou o "Milagre Brasileiro", no passado, sabendo ocultar, pela via da manipulação de índices, o descalabro do setor rural, vai tentar de novo, promover um surto desenvolvimentista baseado em grandes construções, fartas exportações, pujança industrial e gordos lucros para os banqueiros, para prejuízo da agropecuária nacional, e o Nordeste. E, nessas alturas, as promessas de Figueiredo já perderam o sentido, as palavras tornaram-se vãs. O que se exige, agora, é uma dose maior de sacrifício para pagar os erros dos Ministros, é aguentar uma taxa de juros inadmissível para uma região tão discriminada, entoando a mesma cantilena de sempre: "na hora de sofrer, todos devemos sofrer juntos".

Por isso, estava certo o grande De Gaulle, ao dizer que o Brasil é um país que não pode ser levado a sério. Na verdade, ele não quis dizer "Brasil" e sim "Política", pois as medidas que estavam e continuam sendo tomadas, à luz do dia, têm muito pouco de brasileiro, de consciência de Nação, de Povo, de honestidade!

ÍNDICE SUMMARY

ARTIGOS E COMENTÁRIOS

- Que resta da Agropecuária, meta prioritária? — Sinval Palmeira... 5
- O círculo vicioso do Nordeste — J.M.Vilar de Queiroz... 6
- Delfim Netto: O "coveiro do Nordeste" (?)... 9
- Oração Fúnebre para a Agricultura — J. M. T. M... 4
- Não queremos mais, nem aceitamos menos — Gugé Ferraz... 13
- Leite nos Trópicos — Huascar Terra do Valle... 26

REPORTAGENS

- SUDENE 20 ANOS, um aborto mal engendrado... 16
- Morro do Chapéu, uma terra em luta por sua vocação natural... 40
- A Agropecuária da Bahia... 36
- Inseminação Artificial, tecnologia mais moderna p/ o Brasil... 20

DEBATE ABERTO

- A Venezuela pode exportar mais Zebu que o Brasil... 23

EDITORIAL

- Um País que não pode ser levado a sério?... 3

CALENDÁRIO DE EXPOSIÇÕES

- 46

ANUNCIANTES

ADVERTISERS

- Jotamachado Engenharia, Nelo e Mang. Machador (BA)... 34
- Miguel José Vita, Nelo e Guzerá, Faz. Soraya (BA)... 14
- Frederico Edelweiss, Mang. Paulista, (BA)... 47
- Gileno Amado Brandão, Mang. Paulista (BA)... 48
- Sindicato Rural Itapetinga, Exposição (BA)... 33
- Arnaldo Murilo Leite, Nelo (BA) 31
- Luis Alberto Falcão, Guzerá, Faz. Beira Rio (BA)... 24
- Eduardo Almeida Reis, Pitangueiras, (PR)... 41
- José Nivaldo Barbosa, Indubrasil (PE)..... 43
- Inácio Maciel F. Fernandes, Nelo (BA)... 7
- Joel Antônio e Fidelis, Nelo (BA)..... 29
- Marcelo Kock Gomes, Fleckvieh Simmental (BA)... 27
- José Sérgio Maia, Schwyz (PB)... 22
- Manoel Dantas Vilar Filho, Faz. Carnaúba, Guzerá (PB)... 17
- José e Ana Rita Tavares de Melo, Guzerá—JA (PB)... 2
- João Roberto Leite, Faz. Joberlei, Guzerá (PB)... 11
- Maruba, madeiras rurais (BA)... 38
- Odilon Rocha, Faz. Covãozinho, Red Poll (BA)... 45

Oração Fúnebre pela Agricultura

J. M. T. M.

Temos frequentemente lido e ouvido palestras de próceres políticos das diversas áreas oficiais ligadas à agricultura "demonstrando" o que de bem o governo tem feito a favor desta. Uma das informações mais recentes diz que a agricultura é subsidiada em torno de Cr\$ 100.000.000.000,00 (cem bilhões dos novos, sim senhor!) por ano, dinheiro este que daria para enriquecer diversos Matalas, Butfallas e tabdalas (a última observação é nossa, não do prócer). Na qualidade de agricultor que teve de vender sua fazenda para não entregá-la ao Banco do Brasil (sentimo-nos como um aleijado que se orgulha de ter ido à guerra, mesmo perdendo parte de seu corpo) discordamos dos termos em que o problema tem sido exposto ao povo:

"Sendo a maior área agricultável do mundo, o Brasil é o maior importador de milho, leite, trigo, e feijão, além de regular importador de arroz, milho, carne, cebola, alho, frutas, etc. Aliás, no caso do leite, nossas importações vêm de um pequeno, mas organizado país: a Holanda que é menor que diversas fazendas conhecidas por este Brasil... são os "acertos" de nossa política agrícola. Estamos cansados de ver importações às vésperas de colheitas, como tem, sistematicamente, ocorrido com a cebola e alho, importações subsidiadas de arroz, para manter os preços baixos, baixando os mal-fadados "índices de inflação" (foi nesta que entramos bem, vendendo por três anos consecutivos, o arroz ao mesmo preço, mas com uma inflação declarada de 40% ao ano!)

"Naquele tempo em que o governo não olhava para a agricultura, os agricultores ganhavam dinheiro, a ponto de construir Avenidas Paulistas, esbanjar Libras-ouro no exterior, importar belas "máquinas" da França e Polônia, seus empregados ganhavam dinheiro e viravam, também, ricos fazendeiros, e o farto país era chamado de essencialmente agrícola (não havia sido inventada a palavra sub-desenvolvido). Tínhamos automóveis Cadillacs e Bentleys, relógios Omega e Patek Philippe, canivetes Soligen e Rodgers, whiskies escoceses, vinhos do Reno, champagnes francesas, casemiras inglesas, linhos irlandeses, e (...) saldo credor em nossa balança de pagamento, além de não sabermos o que era, ou seria, dívida externa!

"Nesse momento histórico "acharam" que o país deveria ser industrializado e rico (?); criou-se o "confisco cambial" sobre o café, para "excepcionalmente" dar início aos incentivos à industrialização do Brasil. Foi o início do fim. Com o aperto, os lavradores não puderam pagar tanto aos seus empregados, que mudaram de time, vestindo a camisa das diversas indústrias que, como varíola, brotavam em todo o território nacional. Com a diminuição da qualidade da mão-de-obra, a situação agrícola ficou pior ainda. Foi "necessário" criar o Estatuto da Terra para amparar os operários rurais. Aí sim, foi o fim! Com este Estatuto, as fazendas não mais tiveram condições de ser colonizadas e apareceram os "bóias frias", favelados, em regime sub-humano, nas periferias das cidades. Estes empregados, que antes eram produtores de verduras, feijão, leite, milho, arroz, aves e ovos, passaram a consumidores destes produtos que desapareceram da condição de subprodutos do café, para virarem produtos principais, para a alegria das fábricas de ração, inseticidas, adubos e herbicidas. Foi a grande festa das multinacionais!

"Atualmente, aqueles que ajudaram na derrocada da lavoura dizem que na agricultura está a salvação do Brasil. Pena que os agricultores não tenham força para ajudar mais uma vez, nem fazendo como o pelicano que dá suas entranhas e seu sangue para alimentação dos filhos; não temos mais entranhas, nem sangue. Estamos vazios, secos e mortos!"

(também publicado no C.A.P. nº 380)

Que resta da agropecuária, meta prioritária?

SINVAL PALMEIRA, da Cabana da Ponte, sempre tem salientado que a pecuária é um bom negócio e que não faz sentido continuar fechando os olhos para a realidade pois o mundo precisa de carne para alimentar. A potente voz da bahia, reconhecida em todo o Brasil, não deixa de censurar os poderes oficiais e a culposa inércia da classe e seus órgãos dirigentes, construtivamente



Quando todos esperavam medidas mais sensatas, embora de sacrifícios, surge o Pacote, favorecendo as multinacionais e os bancos, e liquidando o plano do Presidente Figueiredo. Ninguém nega a boa vontade do presidente, mas todos sabem que são fortíssimas as correntes que ligam a sua equipe seriamente comprometida com o mundo dos bancos e da finança internacional. Todos torcemos para que o presidente assuma o seu papel, com energia, dominando e controlando os bancos e as multinacionais.

Quando o Presidente Figueiredo assumiu o Governo e nomeou o professor Delfim Netto Ministro da Agricultura, houve um suspense no mundo da agricultura e da pecuária. Todos se lembravam da atuação do conhecido economista ao tempo do Governo Médici, quando era o superministro das finanças. Mas o Presidente proclamava a agropecuária sua meta prioritária e o Presidente chegara ao Governo num clima de expectativa, mas, em pouco tempo, adquiriu credibilidade e, chegou mesmo a merecer a confiança das classes empresariais. Nada foi feito, no entanto, nos rumos dessa proclamada meta prioritária.

Não se trata de cobrar promessas do Presidente. Sou dos que entendem que os agricultores e pecuaristas devem trabalhar duro e enfrentar os problemas graves que se apresentam a todo o Brasil e jamais pleitear favores ou privilégios. O campo fez a riqueza desse país e, se bem trabalhado, com tecnologia e espírito empresarial, continuará a produzir riqueza. O problema não é do empresário ou do fazendeiro; o problema é do Brasil, é de toda uma filosofia político-econômica que está em questão.

Como multiplicar a produção agropecuária para reduzir a inflação? Como restabelecer o rebanho brasileiro reduzido à metade pelo abate de matrizes? Como diminuir a carência alimentar de 30% de nossa população? Já discutimos esse problema essencial em nosso artigo "Preservemos as vacas que ainda existem". Ali fizemos algumas afirmações que se confirmaram e indicamos as soluções que nos parecem. Dizíamos que o Governo não estava cogitando de créditos para a pecuária e que os fazendeiros estavam iludidos quando esperavam esses créditos. E era verdade! Em lugar de crédito favorecido veio o pacote do Ministro Delfim Netto. O tempo dirá se o Ministro está no cami-

nho certo. Desejaria que estivesse, mas penso que, ao contrário, todo o plano do Presidente Figueiredo sobre agropecuária está liquidado e findo com o pacote financeiro!

Os juros de 37% para a agropecuária são inviáveis. Lavoura e boi não pagam esses rendimentos. O modelo monetarista do Ministro favorece os bancos e as multinacionais e prejudica fundamentalmente a agricultura e a pecuária brasileira. Essa é a nossa convicção. Não discuto a política de verdade cambial, meia verdade embora. Parece justa. Discuto a política creditícia para o campo. Sempre achei que um dia os subsídios cairiam, porque nenhum país suporta uma política de subsídios durante muitos anos, salvo se estiver nadando em ouro, o que, infelizmente, não é o nosso caso. Somos um país em crise, um país pobre, como definiu com justeza o Presidente, um país em regime de déficit do Tesouro e déficit permanente no balanço de pagamentos. Um país que anuncia uma economia de guerra. Como subsidiar? Com nova carga tributária? Com novas emissões? seria lenha na fogueira da inflação. O Governo está certo, em princípio, em suspender os subsídios. E se não há outra fonte de recursos para financiar a agropecuária, que suportemos todos solidários os efeitos da economia de guerra.

Parece-nos, no entanto, que os recursos existem e estão nos bancos, os grandes beneficiários da nova política financeira. Os próprios bancos oficiais dispõem de encaixe para atendimento à agricultura e pecuária, a juros entre 15 e 20%. Por que não planejar a distribuição desses recursos? E os bancos privados? Esses detêm o poder econômico, monopolizam o meio circulante. São os únicos ricos deste país. Os lucros publicados nos jornais são astronômicos. Mas os juros sobem. O Governo poderia obrigar os bancos priva-

dos a recolher ao Banco Central grande parte desses lucros, o que vale dizer dessas disponibilidades, a serem distribuídas, dentro de uma planificação correta, com vistas ao aumento da produção agropecuária. Mas em banco nenhum Governo toca. Foi assim desde o Império. E o Presidente Figueiredo não poderá fazê-lo com essa equipe de que dispõe, fortemente comprometida com o mundo dos bancos e da finança internacional. E porque falamos de finança internacional, não há como esquecer o favor recebido no pacote: redução do imposto de renda de 12,5 para 1,2%. Esperava-se que o imposto de renda sobre juros para o exterior fosse aumentado para 25%, objetivando viesse o capital estrangeiro não como empréstimo mas como capital de risco. Em vez de dobrar, o imposto de renda foi reduzido para a décima parte! E a empresa nacional paga 45%. Assim o Brasil não sai da crise. Assim continuaremos a ser vendidos ao estrangeiro, como ao longo de toda nossa história. O Brasil continua o paraíso dos banqueiros e das multinacionais.

Nosso futuro de nação livre não está nessas categorias, mas no esforço dos próprios brasileiros ligados à produção e, nesse domínio, é da maior relevância o papel da agropecuária.

O Presidente Figueiredo é homem franco e não perdeu sua credibilidade, mas o sistema o limita e condiciona. Uma coisa é certa. Se pensa em entrar para a história como o Presidente que devolveu ao Brasil a liberdade e a esperança, vá em frente em sua abertura, crie o sonhado estado de direito e controle os bancos e as multinacionais. É tudo quanto um empresário da agropecuária, brasileiro sem cumplicidade com capital estrangeiro, lhe pode dizer e desejar.

O círculo vicioso do Nordeste

J.M.Vilar de Queiroz, foi assessor do ex-Ministro do Planejamento Roberto Campos e chefe da Assessoria Internacional do Ministro da Fazenda Delfim Netto.

As secas periódicas inflamam os discursos e a adoção de medidas diversas, mas sempre aquém de uma solução definitiva. O Nordeste de hoje é tão flagelado como há 90 anos atrás. Ele progrediu o suficiente para manter apenas a diferença que existia antes da criação da SUDENE. As causas do desequilíbrio nordestino são claras e as soluções podem ser ativadas, bastando haver o necessário interesse e real conhecimento das causas.

Em 1845, na sua tese sobre Feurbach, Karl Marx escrevia: "Até agora, os filósofos apenas interpretaram o mundo de várias maneiras. A questão, porém, é modificá-lo". Coisa semelhante se pode dizer do Nordeste brasileiro, objeto das análises mais extensivas e dos diagnósticos mais diversos, mas cuja história assinala o insucesso repetido dos planos, das políticas e dos programas através dos quais o país tenta modificar o seu perfil inadequado no contexto nacional. A ocorrência periódica das secas dramáticas provoca a retórica inflamada dos pronunciamentos, a reavaliação da política regional ou a adoção de programas de emergência à altura dos males do momento, mas aquém do desafio permanente.

Estamos agora diante de nova e terrível seca, que terá como efeito a redução de pelo menos metade da safra agrícola e do estoque de gado da região. A ressonância foi grandemente neutralizada pela hábil e acertada política do Governo Federal de prestar auxílio de emergência para manutenção dos agricultores nas propriedades, pondo fim ao desacerto das frentes de trabalho. Mas estamos também às vésperas do lançamento do novo Plano de Desenvolvimento do Nordeste, com todo a veleidade de um ataque profundo à problemática da região pela injeção de mais de Cr\$ 2 trilhões nos próximos cinco anos. Cabem então as interrogações sobre a verdadeira compreensão do fenômeno nordestino e suas causas, sobre o balanço dos esforços já empreendidos e sobre a expectativa ao novo programa. Apesar de tantas medidas especiais, não estará o Nordeste na mesma posição relativa de 40 ou 90 anos atrás? Haverá horizonte para a redução das gritantes desigualdades regionais no Brasil? Terá a nação consciência de que a continuação dessas desigualdades compromete o objetivo de um desenvolvimento econômico e social com estabilidade? Ou será a nova política mais um projeto-impacto de duvidosa eficácia por não levar na devida conta um diagnóstico irretorquível e toda a gama de correções indispensáveis?

O QUADRO ATUAL

A despeito do quanto se fez até hoje, o Nordeste continua a ser a mais extensa e populosa área de baixa renda do hemisfério ocidental. A renda per capita da região, de 750 dólares, representa 46% da renda per capita brasileira, inferior aos 48% que representava em 1939. Se verificarmos que essa renda era de 111 dólares em 1956, para 224 dólares da renda brasileira, dando uma diferença de 113 dólares, e que para os 750 dólares de 1978 se contrapõem 1.650 dólares, dando uma diferença de 900 dólares, concluiremos que o Nordeste progrediu bastante em termos absoluto para ficar na mesma posição relativa, ampliando a diferença da renda real. O fosso tenderá a alargar-se, se a política regional não for capaz de modificar profundamente as estruturas subdesenvolvidas, com remédios de caráter extraordinário que inibam de vez os fatores de permanência das desigualdades. Foi a própria SUDENE que sentenciou recentemente: "os resultados do estímulo ao desenvolvimento industrial nordestino estão muito longe de ser satisfatórios em termos de oferta de emprego e distribuição de renda". Somam-se os fatores negativos de ter a região 51% dos analfabetos do país e participação maior na população portadora de doenças em geral, recebendo em contrapartida apenas 13% dos recursos para educação e 18% dos recursos para saúde, do Governo Federal. Apesar de tudo, mostrou o Nordeste entre 1960 e 1978 uma taxa média anual de crescimento econômico de 6,9% o que deixa entrever a enorme potencialidade regional. Em síntese, pode-se dizer que o país procurou reforçar os meios normais de crescimento da área, sem atacar contudo, com instrumentos especiais os pontos de estrangulamento que perpetuam o atraso.

DIAGNÓSTICO E TERAPÊUTICA

Interpretações incompletas das causas do subdesenvolvimento nordestino, podem informar políticas regionais incapazes de corrigir a situação. A política iniciada em 1877 atacava uma das

causas principais do desequilíbrio da região, sem a devida complementação para os demais problemas. A estratégia industrial iniciada em 1960 refletia uma concepção doutrinária distorcida da escola cepaliana sobre os meios de regiões mais atrasadas e dependentes quebrarem a estruturação das forças econômicas. Na história do Nordeste, as duas posições se mostraram incompletas e deficientes.

Outros, como Rômulo de Almeida, querem atribuir os males da região, ao atual modelo econômico, "baseado em centralização das decisões e concentração dos investimentos". Acontece, porém, que foi exatamente na fase mais pura do modelo, de 1968 a 1973, que o Nordeste cresceu à média de 9,8% ao ano, taxa mais alta do que de qualquer outra região, registrando, ao mesmo tempo, as mais altas taxas de emprego de todo o Brasil, tanto agrícola, como não agrícola. Nessa fase, a força de trabalho adulta empregada cresceu mesmo a taxas superiores à da média do país, como se vê abaixo:

	Nordeste	São Paulo (1.000)
Empregados 68	7 076	5 005
Empregados 73	8 608	6 036

O Nordeste cresceu mais 4,0%. São Paulo mais 3,82%. O Brasil mais 3,18%.

Gervásio Castro de Resende (em Estrutura Agrária, Produção e Emprego no Nordeste) critica a concepção usual que vê nos problemas do emprego e do baixo nível de renda e produtividade na agricultura nordestina apenas uma questão de tecnologia ou de recursos naturais (clima, solos, etc) pois ela ignora o papel da estrutura agrária. "Uma política de apoio à pequena produção, evidentemente, permite atingir na sua origem o problema do emprego rural no Nordeste".

A própria SUDENE já caracterizou como causa do subdesenvolvimento regional a baixa remuneração do trabalho no campo, denotando a frágil estrutura agrícola do Nordeste. Enquanto outros salientam que o problema crucial é de recursos humanos.

O acerto das políticas regionais

FAZENDA FLORESTA

AUTIMIO FERNANDES — INACIO MARIANO MACIEL FERNANDES (Méd.Veterin.)
ITAMBÉ — Bahia

SELEÇÃO
NELORE



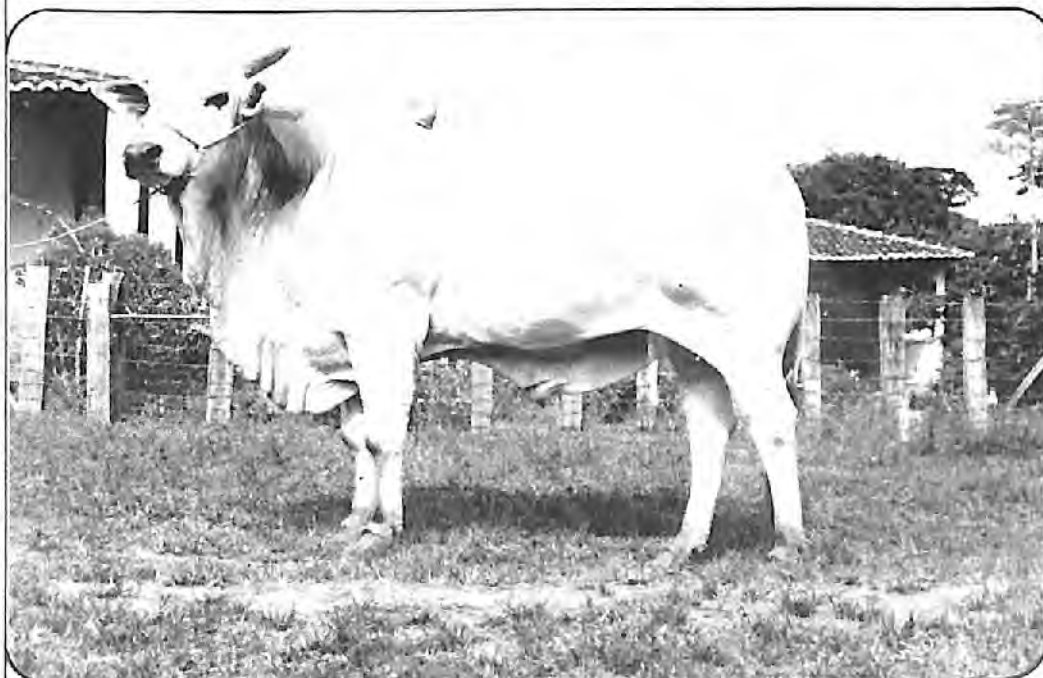
GUARANÁ

Peso: 885 kg
*notável
reprodutor da
Floresta*

Lastro — Nelore OM (mais de 80 anos de seleção) e linhagem AKASAMU (Imp), com pureza garantida até a atual geração

PINGUIM

Peso: 890 kg *excelente reprodutor,
com magnífica produção na fazenda*



IMPERADOR—167, com 330 kg, filho de Pinguim e Estrofe (AO-5243), nascido em 12.02.79.

IBÉRIO—172, com 260 kg, filho de Pinguim e Rivoli (A-4552), nascido em 03.06.79.



ITAPETINGA, Bahia — CEP 45.700 — Praça Duque de Caxias, 80 — Fone: 261-1008

SALVADOR, BA — CEP 40.000 — Av. Euclides da Cunha, 50, 6º — Fone: (071) 247-1976

guarda, sem dúvida, estreita relação com a mais completa identificação das causas dos desajustes, que no caso do Nordeste vão das influências ecológicas ao étnico, cultural e econômico, partindo da correta verificação do professor Benjamim Higgins de que "as disparidades regionais são altas e muitas vezes crescentes nos países pobres e relativamente pequenas e decrescentes nos países ricos".

AS CAUSAS DO DESEQUILÍBRIO NORDESTINO

As principais causas do desequilíbrio nordestino seriam:

- a) o problema da disponibilidade de água, que as secas tornam dramáticos.
- b) o da composição etária, com uma população mais jovem que em outras regiões, onerando a proporção de dependentes por pessoa produtiva.
- c) a baixa produtividade agrícola, por área e por homem, em parte determinada pela deficiência de mecanização e pelas técnicas agrícolas adotadas.
- d) a deficiência de capital e o nível tecnológico da indústria
- e) a pouca disponibilidade de empresários, um dos fatores limitativos mais sérios do desenvolvimento econômico, que segundo Everett Hagen é "um processo de inovação tecnológica iniciado por indivíduos criativos".
- f) a insensibilidade de certas políticas globais do Governo Federal para com seus impactos regionais: a maioria das decisões leva em conta o efeito econômico na parcela desenvolvida do país; ainda recentemente é exemplo disso a retirada do diferencial de 10% na cobertura do Proálcool a destilarias no Nordeste, como poderá ser em futuro próximo a retirada dos subsídios ao crédito rural.
- g) a espoliação, por parte dos fornecedores de bens de equipamento do sul do país, de parte dos incentivos fiscais para investimento através de sobrepreço.
- h) a escassez de capital.

Não menos importante do que os fatores arrolados é o da atitude do país para com o problema dos desequilíbrios regionais. Não basta a consciência de que o Nordeste é um problema nacional, competindo basicamente ao povo da região resolvê-lo. É indispensável a convicção de que a permanência dos desníveis representa ônus para o país. O professor Higgins doutrina a respeito: "As flutuações econômicas, no nível de crescimento, inflação e emprego, de qualquer economia, estão relacionadas com o grau de desintegração setorial e regional dessa economia. O mais forte condicionante das flutuações são essas diferenças na estrutura econômica. "Felizmente essa convicção parece traduzida em recente fra-

se do Presidente da República: "Não haverá Brasil próspero com Nordeste miserável". Nas raízes históricas dos problemas crônicos da inflação e do desemprego no país não é difícil localizar a permanência dos desequilíbrios regionais, nem sua superação poderá prescindir da atenuação desses últimos.

UM PLANO DECENAL

A multiplicidade das causas citadas e a transcendência do combate às desigualdades regionais para o esforço nacional com vistas ao desenvolvimento político, econômico e social equilibrado, sugerem que a nova política para o Nordeste não deixe de abranger a maior parte possível daqueles desafios, para que não venha a representar mais um malogro e um golpe nas esperanças de um povo estóico. Nesse sentido, um Plano de emergência num horizonte de 10 anos, poderia conter as sugestões abaixo, num esforço nacional, para tentar operar as mudanças estruturais que assegurem o "take off" do Nordeste:

1) A região seria considerada Zona de Preferência por 10 anos, com os seguintes privilégios: a) suprimento de bens de capital dos outros Estados para projetos de investimento na área far-se-ia como se fora exportação para o exterior, com os incentivos fiscais; b) a venda de produtos industrializados da área no mercado nacional seria isenta de Imposto Sobre Produtos Industrializados; c) a exportação de industrializados da área para o exterior gozaria de toda a gama de incentivos fiscais até há pouco adotada. A experiência internacional mostra a extrema dificuldade de regiões menos desenvolvidas, de uma nação, eliminarem seu atraso precisamente porque não se encontram meios de estabelecer um cordão sanitário que proteja o fortalecimento de sua estrutura econômica, a exemplo do que fazem os países em crescimento, que armam fortes barreiras alfandegárias. A fórmula acima visa a estabelecer esse cordão sanitário, com as devidas limitações, que impõe uma economia nacional. O esforço fiscal demandado aos outros Estados e à União estão bem nos seus limites. A inovação de uma política diferenciada de incentivos à exportação, ademais de transitória, se justificaria internacionalmente como favor a uma área menos desenvolvida relativamente.

2) Um forte investimento para superar o problema da água, sem o que não vingarão jamais os esforços de desenvolvimento da região.

3) Vultoso investimento em irrigação, complemento indispensável da disponibilidade de água. A resistência aos altos custos dos projetos de irrigação é incompatível com o objetivo de

superar o subdesenvolvimento da região. Desprezando a relação custo-benefício, a União Soviética vem transformando o deserto do Kurdestão em grande produtor do melhor algodão do mundo, na linha dos investimentos do Estado de Israel.

4) Modernização da agricultura, forçando mudanças na estrutura fundiária, aumentando a mecanização pelo barateamento das máquinas (item 1) e utilizando ao máximo as virtudes redistributivistas do programa de agricultura para fontes de energia. Nesse campo, deveria o Governo eliminar o subsídio ao crédito rural, com exceção do Nordeste e da Aniazônia, que dele não podem prescindir. Importa ainda tornar conhecidas, por campanha publicitária, as facilidades do crédito agrícola.

5) Manter os incentivos regionais e obrigar o Fundo de Investimento Setorial a empregar 50% dos incentivos na região. No período 1967/77 cerca de 94% do reflorestamento incentivado ocorreu no Centro-Sul e cerca de Cr\$ 270 bilhões foram tirados ao Nordeste nos últimos anos.

6) Estimular a multiplicação dos empresários. Joseph Schumpeter dizia que o "empresário é o instrumento para quebrar os modos tradicionais de produção pela introdução de inovações revolucionárias e pelo marketing dessas inovações".

7) Incentivar agroindústrias de exportação.

8) No plano institucional, criar como foro superior um Conselho de Desenvolvimento do Nordeste, presidido pelo Ministro do Interior e composto pelos governadores, do superintendente da SUDENE e do presidente do Banco do Nordeste.

A transformação da região, retirando-lhe o peso das frustrações crônicas, será produto apenas de um heróico esforço nacional, com medidas ousadas e inovativas, com pesados custos financeiros. Das elites políticas locais exige-se um trabalho continuado que se fundamente em proposições concretas e objetivas, para que as políticas nacionais se ajustem à realidade regional. Disse recentemente um ministro de Estado: "Não me importa quanto custa a criação de emprego no Nordeste, precisamos gerá-lo para corresponder à dignidade da pessoa humana". É também uma atitude de inteligência, um grande esforço concentrado em prazo curto para a redenção do Nordeste dividendo preciosos no equacionamento dos problemas nacionais e no alívio das tensões sociais, que entravam o pleno funcionamento da democracia.

Do contrário, não sairemos desse círculo vicioso de pobreza, desperdício e miséria.

(outubro, 1979)

(Também publicado no Jornal do Brasil)

Delfim Netto:

‘O Coveiro do Nordeste’(?)

Na Análise Fria dos Pecuaristas

Nossos agradecimentos: ABAPE-Assoc. Baiana de Pecuaristas, Dr. Marcelo Koch Gomes, Dr. Miguel José Vita, Dr. Felício Brito, representante dos criadores do médio Rio Pardo, Dr. Manoel Dantas Vilar Filho.

O Pacote trouxe o desânimo aos produtores rurais, mergulhando o Nordeste numa apatia que contradiz, frontalmente, as promessas feitas pelo presidente João Figueiredo. Diante dos fatos, resta apenas uma alternativa para a economia do país, suficiente para encher as panelas sulinas, da exportação e também do Nordeste, que não tem condições de suportar o rigor dos juros e outras imposições do Pacote. Buscamos o depoimento de diversos agropecuaristas nordestinos e Entidades de Classe, sintetizando-os nessa entrevista.

AT — Como podemos definir Delfim Netto, diante das últimas medidas adotadas e que são, a rigor, contrárias ao agrado dos agropecuaristas?

FELICIO BRITO — Delfim mentiu, no início, tentando ser simpático ao governo Figueiredo, pois era um político jogado às traças, sem qualquer perspectiva, em Paris. Hoje, na mais rápida ascensão registrada pela história do Brasil, é o dono do país. Mas continua sendo o lobo mau de sempre. No começo, fantasiou-se de vovozinha para enganar Chapeuzinho Vermelho e agora tirou o disfarce, mostrando a carranca de lobo mau, para todos nós. Todos fomos iludidos pelas promessas de Figueiredo e Delfim Netto, hoje quem manda é o lobo mau. Até que cheguem os caçadores para dar o final digno da fábula, que todos bem conhecem.

MIGUEL VITA — Delfim não é um tolo, já aprendeu desde a primeira vez e principalmente depois das inúmeras peripécias da economia nacional nos últimos anos que Tabelamentos e Confiscos não resolvem a situação. Quando alguém impõe alguma coisa, ela acaba sendo feita, em condições piores, e isso é o que está ocorrendo hoje, com o preço dos produtos agrícolas, transformando o país de produtor em importador. O preço vai continuar subindo, se prevalecer a economia de mercado, então Delfim poderá ser redimido, no final das contas. Não acreditamos que somente o governo possa “descobrir” a solução para nossos problemas. Nós devemos nos adaptar a essa economia de guerra e buscar soluções condizentes à situação, dentro da realidade. Sem esperar nada de Delfim Netto, para não ficarmos desiludidos, mais tarde.

MANOEL DANTAS VILAR FILHO — Delfim de hoje é... o Delfim de sempre. Agora, só palavrório inócuo, enrolado, estéril, engodador. Minha posição é de profunda melancolia. De enfado, de nojo, de descrença. Falei-se muito e nada se fez. Há uma imensa comédia de equívoco, em vigor, dirigida pela política econômica. Não creio mais nos homens que diri-



... SÓ EXISTE MACAQUEAÇÃO, ENGODO e INCOMPETÊNCIA NACIONAL ...

gem, para nada mais que interesse ao Brasil e aos brasileiros, numa perspectiva de médio prazo, em termos de Nação, de nacionalidade, de povo brasileiro.

O que existe é um permanente elenco de macaqueação, engodo, coisas menores, conversa fiada, ausência de grandeza, nada que cheire a objetivo nacional, consciência nacional, competência nacional. Tenho por isso tudo, somente desprezo e descrença e sou incapaz de pensar positivamente diante desse quadro e desses homens no governo.

MARCELO KOCH GOMES — Delfim foi o coveiro do Nordeste, mas nós temos memórias curtas. Resolvemos acreditar no homem e hoje o problema volta à tona: só existe conversa fútil, dependendo de uma situação demagógica, ou seja, faz-se o discurso de acordo com a platéia. Ora o governo diz uma coisa, depois outra, e vai levando o povo na enganação total.

AT — Sabe-se que a Fundação Getúlio Vargas e o IBGE não manipulam os mesmos dados, enquanto o Dieese e as entidades de classe dos diversos setores da economia desmentem, com

frequência, as informações dos órgãos oficiais. Hoje, as safras são enormes, amanhã não são mais confirmadas, e assim por diante. Em razão disso, reina a confusão no governo e na opinião pública, com a credibilidade oficial chegando aos seus índices mais baixos nestes noventa anos de República, segundo salienta Magno Burgos. Em vista das informações e contra-informações o que podemos considerar como o maior “erro” da economia nacional?

MARCELO GOMES — A verdade é que nós, brasileiros, temos uma certeza — e essa certeza é a principal culpada pelos nossos erros políticos e econômicos: é a certeza da impunidade. Não temos um sistema judiciário realista, o país não é um país sério, na verdade. Por isso, todos somos cobaias, nas mãos de Delfim Netto, o atual governante do país, e ele pode enterrar o Nordeste, sem nenhuma punição. Não temos Justiça para nos queixar das arbitrariedades do governo, sobre o produtor rural e sobre o povo. A certeza da impunidade está tão arraigada no povo que ela vai desde o vendedor de picolé, na rua, até o super-poderoso ministro do Planejamento, ambos tabelando à vontade, à revelia, pisoteando o povo, sem qualquer punição. Basta analisar os serviços públicos: água, luz, telefone, esgotos, chega conta mensal e todos têm que pagar, silenciosamente, com aumentos sobre aumentos, os valores absurdos. O governo faz o papel de um recolhedor de impostos, aproveitando todas as chances, taxando à vontade, impunemente. O povo, assim, esfola-se no trabalho, para sustentar o governo. O grande general De Gaulle estava certíssimo quando disse “O Brasil não é um país sério”, ninguém está no governo somente para governar, e a coerência não existe nas decisões oficiais. Quando se analisam as decisões, descobrem-se sempre outras intenções ocultas, para prejuízo de alguém ou região.

AT — Nessê prisma, o Nordeste, somando a falta de impunidade e a já tradicional discriminação, seria o grande prejudicado?

... O GOVERNO PERMITE QUE O NORDESTINO DEFINHA ATÉ FISICAMENTE ...

MARCELO GOMES - Veja, o nordestino, vivendo nesse espúrio sistema, está inclusive diminuindo de tamanho, com problemas crônicos de saúde com absurdos índices de mortalidade infantil. A permanente subnutrição provoca estados calamitosos de saúde, prejudicando a descendência. E, em termos históricos, o Brasil vem praticando um lento genocídio, um crime contra o povo nordestino. O que é que o país tem feito para resolver o impasse? Praticamente nada. Os Estados sulinos, no entanto, são fortes, bem estruturados politicamente e sabem conseguir tudo ~ que querem, sem criar confusões. O próprio governo entra no jogo e ilude a opinião pública, favorecendo economicamente o sul do país. Foi o que aconteceu com o caso do ovo, agora, em São Paulo. O povo foi informado que o governo iria incluir ovo na merenda escolar, para melhorar o valor dietético da mesma. Pura conversa! A verdade era dar vazão à superprodução paulista. Aconteceu o mesmo caso com o leite, favorecendo as multinacionais e arrasando, até hoje, o produtor rural. Até mesmo uma campanha para aumento do consumo de leite foi cancelada, devido a pressões das multi. Hoje, o Nordeste, principalmente a Bahia, é espoliada pelas multi do leite, na cara do governo e de nada têm valido nossos manifestos, pois quem manda no governo é a multinacional disfarçada. O leite tem preço diferenciado para consumo popular e para fins industriais, o que é um absurdo, pois é o mesmo que admitir que a vaca forneça dois tipos de leite, ao mesmo tempo. A água mineral, que não exige insumos e todas as implicações de mão-de-obra rural e tampouco come capim, é muito mais lucrativa que o leite.

AT - Podemos afirmar, então, que a política econômica, em relação ao Nordeste, é realmente caolha?

MARCELO GOMES - Absolutamente caolha e estúpida. O diferencial de juros entre o sul e o Nordeste é apenas 1%, depois do corte sistemático de crédito para investimento. Os grandes bancos estão no sul e o percentual legal a ser aplicado em Crédito Rural, recolhidos nas agências nordestinas, são utilizados no sul do país. O governo faz papel de caolho e permite esse abuso, pois o certo seria aplicar aqui, no local de arrecadação. O sul vive em-

bolsando o Nordeste, mas já estamos cansados de falar. Inventaram um sistema de "progresso" para a região, visando apenas amordaçar, ainda mais, os produtores autóctones. O governo tirou os créditos, aumentou os impostos e provocou um maior abandono dos campos. Na hora de dar recursos, o sul fica com a maioria, pois tem infraestrutura e permite uma resposta melhor. Na hora de impor sacrifícios à nação, como agora, o Nordeste é considerado "em iguais condições". Ou seja, na hora de sofrer, o Nordeste é igual, mas na hora de prazer, a região não tem vez.

AT - O Governo, então, é o grande esfolador do Nordeste e da agropecuária nacional?

MARCELO GOMES - No momento atual, todos os agropecuaristas brasileiros estão sofrendo. O governo pode ser comparado com o lutador peso-pesado que bate em um lutador peso-mosca. Esse grita que não pode continuar apanhando tanto. Mas o governo não para e vai dando sopapos até o coitado cair à lona. Mas a luta não pode parar e, então, o governo administra remédios e lenitivos para poder somente erguer o infeliz lutador, somando promessas de futuras recompensas. Até que o sofredor consegue apurar-se e, então, o governo inicia uma nova pancadaria, continuando o triste espetáculo. No caso da carne, foi o confisco, o tabelamento, os acordos de cavalheiros, a falsidade total. Agora, vêm os juros, a correção monetária, o aumento dos impostos. Todos os pecuaristas estão apanhando demais. E quem lucra, no final, são os banqueiros e as multi.

AT - Acredita que o Nordeste possa fechar suas estradas e paralisar sua produção, como uma espécie de solução mais óbvia, como foi preconizado pelos produtores de café do Estado do Paraná?

MARCELO GOMES - A melhor solução é a economia de mercado, é ir subindo os preços, até que o governo resolva tabelar de novo. Que a opinião pública não nos culpe dos aumentos que ainda virão, pois o boi é uma soma de fatores, e o governo permite o aumento dos produtos das multinacionais, mas paradoxalmente não quer que nós, produtores rurais aumentemos o preço da arroba de carne.

NO CASO DA CARNE, A POLÍTICA É MENTIROSA, OMISSA E CRIMINOSA

AT - Então o Governo vive uma grande mentira, iludindo o povo, no caso da carne?

MARCELO GOMES - O governo, quando culpa o produtor rural, pelo aumento da carne, é um grande mentiroso, é omissa, é criminoso. Não existe uma política nacional para a pecuária, como existe na Austrália e qualquer país decente. O produtor não tem a mínima segurança, pois a qualquer momento, o poderoso Delfim Netto pode resolver acabar com a pecuária para dar lugar à agricultura de grãos, sem qualquer consulta, sem qualquer estudo aprofundado, movido apenas pelo interesse de promover receitas de exportações fáceis. Tudo, nesse Brasil, em termos de produção rural, é feito como se fosse brincadeira. Nós, produtores rurais, somos apenas cobaias de Delfim.

AT - A política inconstante ministerial tem provocado um descalabro muito grande no setor rural, tendo como exemplo a carne e o café, sendo que esse último, embora o governo afirme que produzirá 21 milhões de sacas, os produtores dizem que chegará a apenas 9 milhões e essa produção é uma pilhéria do que era a cafeicultura no Brasil. A que se deve essa política inconstante?

MARCELO GOMES - Os cafezais estão se acabando, como se acabaram as vacas. Estamos importando arroz, feijão, carne, numa autêntica vergonha nacional. E vamos importar café, cujas folhas estão até nas Armas Nacionais, como símbolo de riqueza brasileira. A produção rural foi boicotada pela tecnocracia instalada no governo e a economia nacional mudou de rumo, para pior. Hoje estamos sentindo os primeiros estrangulamentos sérios, mas não podemos afirmar que tudo se arrumará, pois a inconstância é a tônica.

AT - O governo pretenderá fazer carne para exportar, em sua política?

MARCELO GOMES - É difícil acreditar em qualquer coisa, pois não existe sequer uma política para a carne. Exportar significa investir maciçamente na erradicação da aftosa e isso é muito difícil nesse Brasil de hoje, devido a vários problemas. Mas, sem dúvida, a aftosa não é problema pois poderia ser erradicada em poucos anos, se o país fosse um pouco mais sério. Mas, com os atuais dirigentes, nós duvidamos que a meta possa ser essa. Quanto muito, Delfim Netto tentará sugar o setor para extrair recursos e equilibrar a Balança e conter a inflação. Depois

Rebanho
sob controle
do
Desenvolvi-
mento
ponderal

FAZENDA

JOBERLEI

JOÃO ROBERTO LEITE — CAMPINA GRANDE — PARAÍBA

Campeão em
Desenvolvimento
Ponderal Macho e Fêmea,
na Expo. Nacional de
Gado Guzerá, em 1978.



MELHOR EXPOSITOR DA
RAÇA GUZERÁ — NA
PARAIBA

◀ CONHAQUE—JR

atingiu 720 kg aos 27 meses. Peso atual:

- Campeão Touro Jovem - Paraíba /79
- Res - Grande Campeão - Paraíba /79
- Campeão Júnior Paraibano /78
- Res. Grande Campeão Paraibano /78
- Campeão Bezerra Paraibano /77

JR

Rebanho embasado nas melhores linhagens do Guzerá tradicional:

- CLANDESTINO — filho de Nero—JA. Temos sêmen na Sotave
- CANGERÊ — filho de libertador. Temos sêmen na Senor.
- KING BIRUTA — notável filho de Kilimanjaro.

Durante a Expo. Nacional de Gado Guzerá, em 1978, mostramos animais pesados bem caracterizados, com boa condição leiteira, tendo se destacado: COLOMBINA, com 680 kg aos 34 meses; CARLTON — campeão em DP e CASTANHOLA — campeã em DP

DONALD ▶



PROGÊNIE DE PAI

Os três reprodutores apresentados são filhos de KING BIRUTA, que atingiu o notável peso de 1.048 kg.

◀ DUMBO

- Campeão Júnior - Paraíba /79



RECIFE, PE — R. Dr. José Luiz da Silveira Barros, 225, apto. 1201. CEP 50000 — Fone: (081) 231-1965.
CAMPINA GRANDE, PB — Hotel Ouro Branco — Fone: (083) 321-3535 — CEP 58 100.

disso, quando a nação estiver tranqüila, aplaudindo o milagre, ele deixará a agropecuária ao Deus-Dará, favorecendo, as multi, como sempre.

AT - E onde fica o presidente Figueiredo, nessa história?

MARCELO GOMES - O Figueiredo tem bons propositos, mas o esquema faz com que a palavra dele valha bem pouco, suas intenções não chegam a atingir o povo, a não ser os mais esclarecidos, pois quem governa é o Dr. Delfim Netto. Enquanto Figueiredo diz que a prioridade nacional é a agropecuária, chega Delfim e liquida o Nordeste, apesar das promessas de panelas cheias para todos.

MANOEL DANTAS VILLAR FILHO - O presidente, que parece menor que sua função, não demonstra ter sobre o país e, dentro dele, o Nordeste, a menor consciência. Inteiramente à mercê das circunstâncias, parece-me incapaz até de repetir, perante a Seca, a posição de um seu antecessor (Médici) que, quando nada, comoveu-se no Nordeste, em 1970. No esquema atual, o Nordeste fica para depois, lamentavelmente.

AT - Com a não interferência de Figueiredo, Delfim poderá concentrar a pecuária nas mãos das multinacionais?

MARCELO GOMES - Sem dúvida. A Amazônia é exemplo disso e já está sendo implantada com recursos desviados (incentivos), com estrutura básica visando exportação. Da mesma maneira que Delfim concentrou os bancos, a indústria automobilística, as seguradoras, etc. tentará concentrar a pecuária nas mãos de grandes grupos. Por isso a devastação é surpreendente na Amazônia, o ministro tem pressa, ele quer que a carne seja um produto altamente pesado na balança, e facilmente controlável. Por isso, o rebanho da Ama-

zônia, uma região ainda sem tecnologia definida, cresce assustadoramente.

AT - Se Delfim Netto aliasse sua excelente capacidade de promover milagres econômicos com sentimento de humanidade, haveria possibilidade de o Brasil sentir-se melhor, a curto ou médio prazo?

MARCELO GOMES - Isso é tarefa de Figueiredo, o ministro pouco se importa se os nordestinos estão sendo massacrados, se o arrocho provocará um conflito social na região semiárida. Para ele, o que importa são os números e a balança mundial. Os mortos, quando se concretizar o "novo milagre", não serão contados e a farta publicidade ministerial saberá esconder a soma de sacrificados. A onda promocional de um "novo milagre brasileiro" sempre será muito maior que o número de mortos e feridos. Nós já temos experiências similares bem recentes.

... AO NORDESTE SOMENTE RESTA EXIGIR DO PRESIDENTE O CUMPRIMENTO DE SUAS PROMESSAS

AT - Quer dizer que Delfim Netto tem um objetivo real?

MARCELO GOMES - Talvez na cabeça dele, mas pela diversidade de experiências que ele vem fazendo, podemos dizer que ele está realmente perdido no meio de suas idéias. Ele está tentando medicar um corpo ferido, sem ter realizado um diagnóstico profundo. Está exercendo o papel de um charlatão está usando antibióticos de largo espectro, acertando algumas vezes, errando outras. Mas ele está consciente de sua posição de ex-exilado, se errar no medicamento, acabará no ostracismo, definitivamente. Essa é a única válvula que encontramos para ter um

mínimo de esperança no ministro. Ele está apostando alto, a mais alta aposta de sua vida: se ganhar, acabará sendo o futuro presidente do Brasil.

AT - E o Nordeste, fica mesmo sem condições de participar da tentativa do novo milagre?

MARCELO GOMES - O Nordeste já foi marginalizado da nova política de Delfim, pois o sul é capitalizado e tem infraestrutura implantada, podendo enfrentar um período de sacrifícios. Nós temos vez somente quando é necessário dividir os sacrifícios.

MANOEL DANTAS VILAR - Só resta agora adotar o fatalismo nordestino e o pobre ceticismo de sua gente, e... pensar que um dia o mundo daqui deixa de ser - por uma espécie de milagre que tanja para longe, essas figuras menores e o que elas representam - o purgatório atual.

FELICIO BRITO - Podemos, apenas cobrar de Figueiredo o cumprimento de suas fartas promessas e de sua palavra: mais justiça para o Nordeste, mesmo sem qualquer esperança.

AT - Pode aparecer algum tipo de reação no Nordeste, os produtores deixando de plantar, ou de vender, um bloqueio de estradas, ou qualquer coisa similar? Ou a reação deverá ser realizada através dos políticos regionais?

MARCELO GOMES - A única reação possível de um povo faminto é o saque, é o ataque, é o aumento da violência. E nessa hora, quem padece não será o governo ou os dirigentes, serão os produtores rurais. Quanto a políticos, não é bom nem falar, pois o Nordeste não conta com qualquer liderança política, no momento e os políticos são meros interesseiros, preocupados apenas em manter um "emprego bom" o emprego de político, com bom salário e mordomias.

FAZENDA

CALDEIRÃO

DULCE SAMPAIO BARRETTO

Estrada do Feijão, Km. 230 - Morro do Chapéu, Bahia

Correspondência:

FEIRA DE SANTANA, BA - R. Barão do Rio Branco, 387, Fone. (075) 221 2779

- HOLANDÊS PB
- Ovinos Santa Inês
- Gado de Corte
- Jumento Raça Pega
- Mestiçagem de equinos Mangalarga Marchador

Não queremos mais, Nem aceitamos menos

JOSÉ FERRAZ DE OLIVEIRA GUGÉ
batalhador de longa data, escreve para
jornais e expõe sua opinião, agressiva-
mente, chegando a acusar gregos e troianos
responsáveis pela deficiência da agropecuária
nacional. Considerado emérito defensor da
pecuária bahiana, foi agraciado com a
criação do "Troféu Dr. Gugé" que é con-
cedido, anualmente, ao melhor expositor de
Itapetinga. Acredita que os pecuaristas pre-
cisam deixar a posição de meros espec-
tadores e passar para a contestação, pa-
ra o ataque, antes que seja demasiado
tarde.



A pecuária brasileira vem sendo vilipendiada pelos governos, há muitos anos, pois os governantes permanecem sempre aquém de uma barreira representada pelo acanhamento ou mesmo "vergonha" de promover o setor, preferindo sempre obras de faixa para, demagogicamente, venderem uma imagem falsa de realizadores. O barco brasileiro está a ficar á deriva, em decorrência da carência alimentar que a todos envolve e intranquiliza.

Feliz expressão teve o Presidente JOÃO FIGUEIREDO ao declarar, referindo-se ao nordeste, que este "quer aquilo a que tem direito. Não quer mais. Nem aceita menos. Quer, precisamente, aquilo que o Brasil lhe deve: mais compreensão e mais justiça".

Se nada mais certo e justo, quanto à luta do nordeste para equilibrar-se na evolução brasileira, a mesma, a mesmíssima afirmação, podemos fazer em relação aos anseios da pecuária, perante o governo, na verdadeira guerra que ele trava por sua sobrevivência, procurando eliminar as adversidades que lhe são impostas, justamente por setores governamentais que deveriam ter como objetivo prioritário dar-lhe apoio, se agissem sob a égide da justiça e da equidade no trato dos interesses da coletividade.

Mais compreensão e mais justiça, no tratamento que lhes está sendo dispensado pelo governo, é o que pedem, reclamam e exigem os pecuaristas brasileiros. Atendimento este que deve ser imediatamente proporcionado por nossos governantes; muito mais em benefício deles próprios e da coletividade, do que em favor específico e direito de classe que reclama este posicionamento. Pois a principal resultante das correções exigidas será reduzir a perigosa tensão que se evolui no país, decorrendo da carência alimentar que a todos envolve e intranquiliza.

As alternativas repetidamente apresentadas pelas lideranças da pecuária, substanciadas na posição do leite a preços compatíveis com seus custos e no apoio creditício ao setor produtivo do bezerro de corte, devem ser recebidas pelas autoridades com a atenção que merecem as coisas sérias e com o acatamento devido às soluções oportunas e consentâneas com a realidade.

Não há semana em que não se

constatem os mais injustificáveis aumento de preços, da vendola ao supermercado, em todos os gêneros de primeira necessidade, como resultante de quedas na produção. Contra esta prática são inócuas todas as medidas punitivas, tão próprias do gênero sunabiano. O único antídoto eficiente é eliminar-se o caldo de cultura em que medra o mal, dentro do qual ele é absolutamente imbatível: a ESCASSEZ. Debelada esta, não há possibilidade de sobreviver a exploração. Passará o ambiente a ser dominado pela lei da oferta e da procura, criadora, de sadio equilíbrio nas relações consumidor x produtor.

Se o poder estatal, atuante sob a forma do dirigismo econômico, deseja proporcionar melhores condições de vida à massa consumidora, só lhe assiste um procedimento certo: amparar, subsidiar e estimular a produção. Marchar por outro caminho, em busca de tal objetivo, parece-nos impossível, pois este caminho não existe.

Tende-se a agravar a escassez que nos envolve, gerando descontentamentos, e ameaças de distúrbios incontrolláveis.

A farturinha prevista de gêneros agrícolas exportáveis, mas que não atendem à carência interna de alimentos, em nada modifica o eixo da crise em que se debate nosso abastecimento, que tem nos produtos pecuários (carne e leite) o principal lastro e ponto mais sensível de seu equilíbrio. Destruído ou gravemente abalado este ponto, o barco de nossos destinos passará à deriva, sem rumo previsível.

A fase que atravessamos é por demais melindrosa, em decorrência dos desacertos e insucessos de uma política econômica totalmente desvinculada da realidade sobre que se deveria assentar; seus aplicadores não têm ponderado que teorias econômicas não resolvem

os problemas reais da economia, se a estes não adotarem como estruturas condicionantes, nas aplicações dos princípios teóricos. Muitas vezes, "na prática, a teoria é outra", como diz JOELMIR BETTING.

Agravando o desencontro teoria x realidade, permanecem nossos governantes aquém de uma barreira típica do subdesenvolvimento político, representada pelo acanhamento ou "vergonha" de ligar-se mais diretamente com o campo e atividades rurais, considerando-as inferiorizantes e dando preferência sempre a obras de faixa, junto às quais possam ser fotografados, sorridentes, para, demagogicamente, venderem ao público a imagem (falsa) de realizadores.

A pecuária brasileira vem sendo vilipendiada pelos governos, há muitos anos, com tabelamentos aviltantes e outras medidas igualmente achatadoras dos preços de seus produtos (importações desnecessárias de carne, leite e derivados; confisco de divisas, quando exportávamos; estocagem intencionalmente prejudicial à evolução dos preços, proibição de abate, etc.), que agora culminam com a suspensão dos financiamentos. Por isto, quando responsabilizamos o governo pelos desastres que atingem o setor e a população que dele necessita para suprir-se dos melhores alimentos, não podemos ser classificados como levianos acusadores gratuitos, na tentativa de transferir ao governo responsabilidades por problemas que seriam apenas nossos; pois apresentamos fatos concretos, comprovatórios das alegações que formulamos.

Já ultrapassamos os limites de parar com as aventuras. É hora de agir com seriedade e critérios efetivamente judiciosos no trato de nossa política rural.

NELORE-PPP* da FAZENDA SORAYA

MIGUEL JOSÉ VITA

SERRA PRETA, Bahia — Estrada BA-052 (estrada do Feijão), Km 43, toda asfaltada.
Apenas 50 km de Feira de Santana.

VOJICA •

NOVO CHEFE DE

PLANTEL

NELORE

4 Anos - 996 kg

Filho de 1.014

(com 1.160 kg)

Junto com o Grande
Campeão USUKI DA
SORAYA (1.186 kg)
e 1014. (1.160 kg),
VOJICA forma o trio
de reprodutores que
serve as 400 vacas
registradas-PO, da
Fazenda Soraya.

Há 20 anos, só usamos
reprodutores de
tonelada acima, e de
alta fertilidade

Correspondência: SALVADOR, BA-CEP 40000 — Av. Estados Unidos, 18-B, cj. 602
Fones: 242-9267/242-0733/242-4996/243-1868. DDD-071



GUZERÁ da FAZENDA SORAYA

MARFIZA KUH N BARRETTO VITA

SERRA PRETA, Bahia — Estrada Ba-052 (Estrada do Feijão), Km 43, toda asfaltada.
Apenas 50 Km de Feira de Santana



Junto com o Grande
Campeão MANDARINO DA
SORAYA (985 kg),
e MUG (960 Kg),
VULCÃO forma o trio de
reprodutores que serve as
170 vacas registradas Guzerá,
da Fazenda Soraya.

VULCÃO

NOVO CHEFE DO
PLANTEL GUZERÁ

• Campeão Júnior e
Reserv. Grande
Campeão, Salvador/79
(Reservado de
Mandarino da Soraya)

Todos os animais da
Fazenda Soraya são
descendentes diretos do
touro HINDUSTANI
(importado da Índia) e
da célebre vaca KUWEL
(importada da Índia)
bicampeã de leite,
com uma média de 42
libras (19,06 quilos
diários).

Correspondência: SALVADOR, BA—CEP 40000 — Av. Estados Unidos, 18—B, cj. 602
Fones: 242-9267/242-0733/242-4996/243-1868. DDD—071

Sudene, após 20 anos: Um Aborto Mal Engendrado

Os objetivos propostos pelos criadores da SUDENE, estabeleciam para o setor rural:

1) reestruturação da economia rural, com o objetivo de uma exploração mais racional dos recursos da terra nas zonas úmidas.

2) uma completa exploração das possibilidades de irrigação

3) criação de uma economia resistente às secas, no interior.

4) reorientação e intensificação da pesquisa agrícola.

5) reorientação dos fluxos migratórios no sentido da colonização de terras sub utilizadas nas zonas úmidas, particularmente no Maranhão e Bahia.

6) liderança do governo na formulação de uma série de medidas políticas destinadas a melhorar as condições de abastecimento da região, contra-atacar a tendência estrutural de aumento dos preços de alimentos e criar uma reserva estratégica de alimentos para os anos da seca.

Salientamos esses objetivos, entre os demais, pois eles eram suficientes para garantir — hoje — uma "panela mais cheia", atualmente apregoada pelo ministro Delfim Netto que, paradoxalmente, foi um dos responsáveis pela política de esvaziamento da SUDENE, há alguns anos atrás.

As iniciativas de reforma agrária a partir do Estatuto da Terra, esse memorável elefante branco brasileiro, esbarraram em obscuros, mas intransponíveis problemas, principalmente ao se constatar que latifúndios improdutivos eram comandados pelos detentores e sustentáculos do regime político regional. Quando não, a absoluta carência de recursos inviabilizava qualquer reforma pela falta de crédito e assistência técnica necessária para fundamentar a iniciativa.

As tentativas de irrigação realizaram algumas obras portentosas, com a participação de muitos técnicos, mais não se pode afirmar que tenham contribuído para o aumento de renda de parcela significativa da população, mesmo nas áreas onde estão implantadas. As antigas obras de irrigação caminham mais para a desintegração de seus objetivos primordiais do que para o aperfeiçoamento e elevação sócio-econômico de seus trabalhadores.

A criação de uma economia resistente à seca nunca saiu do papel. sempre foi uma utopia. Hoje, o Nordeste prepara-se para ser flagelado por uma Grande Seca e o Governo não

concedeu, ainda, crédito especial para o plantio de capim resistente à seca, capim esse aprovado há anos pelos fazendeiros e, somente agora, indicado pelo DNOCS como ideal para a região semiárida. Não existe, assim, qualquer prioridade para a pecuária, mesmo sendo a atividade que mais resiste a uma calamidade como uma GRANDE SECA. Ao invés disso, o Governo, consciente dos acertados cálculos das previsões abre polpudas linhas de crédito e concede verbas para programas que não poderão atender os anseios da população, na ocasião, visando apenas tranquilizar a opinião pública, por meio da imprensa. Dessa maneira, foi divulgada a construção de quase 10.000 açudes e a perfuração de 3.000 poços, um absurdo totalmente inviável, dada a proximidade do flagelo. Essa verba, no entanto, se aplicada em pastagens, garantiria um farto suprimento de carne, por longo tempo.

Ao invés de uma pesquisa agrícola, para o surgimento de uma tecnologia específica para a realidade nordestina, tentou-se implantar diversas experiências tecnológicas de outros países, confundindo-se terras áridas nordestinas com desertos de Oriente Médio, terras áridas americanas, etc. Nem as universidades regionais, nem os centros de pesquisas conseguiram apresentar um dado plausível que viesse trazer um pouco de luz para os fazendeiros que continuam, por sua vez, lutando com as mesmas dificuldades de há quarenta anos atrás.

Em 1970, com a construção da Transamazônica, o Governo preferiu orientar a migração para o extremo norte do país, uma iniciativa frustrada, visando atender apenas a um ímpeto faraônico. Hoje, os nordestinos voltaram para casa, ou perderam-se na hileia, sendo expulso das glebas insuficientes, ou buscando a Venezuela, de onde estão agora sendo deportados para a Roraima. Depois de remetidos para o trabalho de abertura da majestosa rodovia, nenhuma assistência foi concedida aos migrantes, repetindo-se o que ocorrera em outras ocasiões em que o braço nordestino foi duramente utilizado, sem qualquer retribuição digna de um ser humano, sem direito a constituir um lar.

O homem que construiu obras faraônicas e, com elas, ajudou a esvaziar a SUDENE, ocupa hoje alto posto governamental, com enorme responsabilidade sobre o destino do Nordeste.

Hoje, Delfim e Andreazza jogam em outro time e, segundo eles mesmos, a favor do Nordeste.

A SUDENE continua enfraquecida, as fábricas continuam não atendendo aos anseios da população e já provaram suficientemente que servem apenas para formar bolsões de miséria ao redor dos melhores centros e fazendo ruir, definitivamente, a já frágil estrutura agrária. Os recursos, embora anunciados fartamente, tardam em chegar e o Proterra, que foi a primeira ferramenta utilizada para esvaziar o órgão nordestino, foi prorrogado por decisão presidencial e sugestão de Delfim, exatamente um dia após o pronunciamento do Chefe da Nação, dizendo que "não pode haver Brasil feliz com Nordeste miserável".

Nunca o Nordeste viu tantas promessas como em 1979, com a chegada do novo Governo, nunca as palavras foram tão fáceis como as utilizadas pelos ministros, mas de prático, o Nordeste viu, até o momento, muito pouco.

A mesa do nordeste, hoje, sem dúvida, está pior que há 20 anos atrás, pois aumentou o desnível social, dentro da própria região, aumentou os pobres, e diminuindo os ricos. O Nordeste é, hoje, um consumidor de produtos sulinos, produtos supérfluos e foi habilmente desviado de sua função atávica de autosuficiência em produtos alimentares.

A SUDENE, no entanto, é a única possibilidade de redenção do Nordeste, uma vez que acreditar na formação de um Conselho Nordestino ou um Ministério Nordestino é excesso de otimismo e cultivo de ilusão.

Por isso, nunca é demais apresentar alguns números que apresentam bem, a defasagem entre o Nordeste e o restante do País, números esses pouco divulgados pelos tecnocratas.

Tais números servem para evidenciar que, mesmo com a presença da SUDENE, ainda o Nordeste não conseguiu obter resultados satisfatórios, quanto à melhoria de vida de parcela significativa da população, não obstante o organismo alardeie alguns sucessos em seu programa de industrialização.

O PERFIL DO FRACASSO

1 — A frágil economia depende, como sempre, do regime das secas.

2 — A oferta de emprego é de 1 para cada 100 liberados pelo mercado.



O BOI QUE É MAIS BOI



Boi bom mesmo não estranha capim seco, vive bem na caatinga, no sol brabo!...

Os bezerros, enormes e fortes, nascem prontos para aguentar o clima mais difícil do mundo. E são homogêneos, bonitos, um fator de rendimento...



A seleção funcional dentro da raça vai tornando o rebanho uniforme, rústico, firme, pesado, precoce, leiteiro, manteigueiro, com muita raça. O GUZERÁ sempre completa o peso antes que as outras raças.



Olha a Daneca-D, com cria ao pé, aos 28 meses!



E Espinhara-D, que pariu depois de Daneca, aos 25 meses!



E, então, surge a Verdade: o GUZERÁ sabe enfrentar a seca. Outros animais vão "afinando" encompridando as pernas, perdendo peso, rendendo menos, ficando ossudos e tardios na parição. A seca obriga o rebanho a se comportar adequadamente nos trópicos. No GUZERÁ-D, o intervalo entre partos está ficando menor, aumentando a produção leiteira, o número de bezerros apartados por ano e o número de lactações durante a vida produtiva das vacas.



E, de tanto pensar, a gente descobre que a quantidade de cabeças por hectare não é muito importante. O que interessa é QUANTOS QUILOS de carne e leite podem ser obtidos por hectare/ano. E, então, o Guzará é mesmo o melhor...



As fêmeas são resistentes e com o leite, mesmo no pique da seca, elas pagam a conta da criação



Dá gosto, logo de manhã, tirar até 16 kg de leite de uma vaca zebu. E vacas como MOLIANA-D, produzindo 14 kg em uma ordenha, sem artifícios, são comuns



Ou então, pesar EMBATE, com 580 kg, aos 24 meses, um "moderno novilho de corte". O Guzará-D, de dupla aptidão, tem obtido peso e muito leite, para criar bezerros fortes e precoces.



E eis Centurião, de notável ascendência leiteira e mansidão, com produção comprovada na Fazenda.



Já comprovamos: para mestiçagem com holandês, simental ou schwyz, o GUZERÁ dos trópicos é o melhor. Basta verificar o que acontece, logo no primeiro cruzamento



Na CARNAÚBA, quem manda desde 1934 é o olho do dono. Por isso temos certeza de que o GUZERÁ é o gado ideal, sobretudo para as regiões de clima rigoroso.

Registro
Genealógico
da ABCZ



Seleção desde 1934 - com animais 100% da mais nobre e pura linhagem zebu (importados em 1916) sem nunca haver sido cruzados com gado de outra raça

FAZENDA CARNAÚBA
MANOEL DANTAS VILAR FILHO
TAPEROÁ, Paraíba - CEP 58.680 - R. Álvaro Machado,
1 - Fones: 2213/2251
(asfalto até João Pessoa ou Recife)

Desejo receber, sem qualquer compromisso de minha parte, pelo Correio, os itens indicados abaixo, GRATUITAMENTE

Nome:

Endereço p/remessa:

Cidade: Estado:

☐ Quais os preços de GUZERÁ e outros produtos da fazenda?

☐ Porque o Cruzamento do GUZERÁ com europeu é melhor e mais econômico?

☐ Detalhes sobre arração e outras pesquisas práticas no trópico seco.

☐ Melhor explicação sobre PRODUTIVIDADE E MAIS QUILOS POR HECTARE Ano

3 — O índice de desemprego e sub-emprego é de, aproximadamente, 22% em relação à população em idade ativa.

4 — A renda mensal dos ocupados é extremamente concentrada: 71% dos que percebem rendimentos situam-se na faixa de até 1 salário mínimo regional por mês, o que explica os baixíssimos níveis de consumo e impossibilidade de criação de um ativo mercado interno.

5 — Agrava-se a tendência de urbanização, devido ao êxodo, após a criação de diversos Distritos Industriais. Há 3 décadas, 70% do povo vivia no campo. Hoje, residem 55% e prevê-se que na década de 1980, os contingentes se equilibrarão, acentuando, ainda mais, a falta de oferta de alimentos.

6 — A população continua crescendo a taxas elevadas de 2,7% ao ano, em todos os aspectos. Mesmo com o programa de planejamento familiar, o índice não tem se desacelerado.

7 — A taxa de mortalidade infantil mostra que, para cada 1.000 nascidos, 110 morrem, por diversos motivos.

8 — A expectativa de vida é de 10 anos a menos que a média nacional.

9 — Devido, basicamente, a um constante processo de subnutrição, o nordestino tende a adaptar-se a um mínimo de alimentação, reduzindo-se inclusive morfológicamente, apresentando hoje uma altura bastante inferior à média nacional.

10 — A população dos grandes centros urbanos cresce, constantemente, alheia à realidade rural, forjando, inconscientemente, uma cisão social. As pessoas que nascem nas grandes cidades dificilmente viajam para o interior, preferindo viajar para os grandes centros urbanos de outras regiões. As potencialidades do interior vão se tornando uma incógnita para o morador urbano, principalmente os que podem cursar escolas.

11 — Nenhum passo foi dado para reduzir as diferenças inter-regionais de crescimento, mesmo que no período 1961/77 a média tenha mostrado que o produto interno bruto tenha sido apenas 6,8% inferior à média nacional. O Nordeste continua importando produtos de outras regiões em proporção bem superior às suas exportações. O mais recente dado disponível, relativo a 1975, mostra que o déficit da balança comercial do Nordeste somou 12 bilhões, principalmente com suas transações com a região Sudeste, para onde vão 91% de tais recursos. Em 1979, as exportações totais foram de 25,4% e as importações foram 37,4% bilhões. Dessa maneira, conclui-se que qualquer cifra otimista de progresso na região irá fatalmente esbarrar e será considerada falsa, quando comparada com o índice de desenvolvimento nacional.

12 — Já no mercado exterior ocorre o contrário: O Nordeste apresentou, em 1978, um saldo positivo de 1 bilhão de dólares. Esse bilhão é gasto em compras no mercado interno, no Sudeste, pagando — muitas vezes — preço bem superior aos vigentes no mercado internacional. Ocorre, então, uma transferência líquida de recursos do Nordeste para o resto do país.

13 — A distribuição de recursos, no próprio Nordeste, é absolutamente discriminatória. Os Estados da Bahia, Pernambuco e Ceará respondem por 70% das verbas destinadas à região.

14 — A Agropecuária vem caindo, desastrosamente, ao contrário do esperado: em 1965 a participação na formação do Produto Interno Bruto da região era de 36,2%. Em 1970, caiu para 26,3% e em 1977 registrava 21,4%. Numa região absolutamente carente de alimentos, esses números denotam — claramente — a fragilidade e falsidade de todas as iniciativas adotadas até o momento. O maior responsável pela queda da produção

agropecuária vem sendo apontado como o fenômeno "urbanização", obrigado a injeções de recursos nas áreas metropolitanas, relegando o setor rural para um segundo plano.

15 — O escoamento da produção é um grave impedimento. Em 1969, O Nordeste apresentava uma densidade em estradas inferior à do Estado do Paraná (1,35 Km/1.000 km quadrados para 2,70 km/1.000). Essa proporção não foi alterada, com relação à média nacional.

16 — No setor da Educação, O Nordeste apresentava em 1961 um contingente de 75,5 alunos matriculados em escolas (primárias, secundárias ou nível superior) para cada 1.000 habitantes. Em 1968, a situação havia piorado, com 131,4 alunos para cada 1.000 habitantes. Somente o Paraná (menor índice de escolaridade do sul do país) apresentava 93,2 matriculados em 61, tendo evoluído para 197,2 em 68. A situação persiste nos índices, embora o Nordeste venha tentando ocupar, pelo menos, as vagas apresentadas pelas novas ofertas de emprego criadas pelo modelo desenvolvimentista imposto, com mão-de-obra saída das escolas regionais.

17 — No setor de Saúde, o Nordeste contava, em 1960, com menos hospitais que o Estado de São Paulo. Em 1968, a situação pouco havia evoluído, pois o NE participava com 18,4% do total nacional, cabendo 43.700 pessoas para cada hospital (contra 19.900 no centro-sul). Ou seja, para cada 1.000 habitantes, o sul oferece 5,1 leitos, enquanto o Nordeste oferece, apenas 1,8. A mão-de-obra médica recém-formada emigra, facilmente, e a situação continua precária, principalmente, nas comunidades de interior.

18 — Como não se tomou nenhuma medida de grande amplitude em relação ao melhoramento do desfrute do rebanho regional, principalmente por não se dispor de uma tecnologia que permita conviver com as secas periódicas, o abastecimento de carne é muito frágil. O desfrute do rebanho bovino é apenas 8,5% inferior ao do centro-sul, cabendo lembrar que o Brasil é um dos menores desfrutes do mundo. Neste setor, portanto, a diferença entre o Nordeste e restante do país, é quase insignificante.

19 — Segundo estudos da Fundação Getúlio Vargas, em análise que abrange o período de 1962 a 1969, verifica-se que a Guanabara absorve 4 vezes o valor da verba nordestina para pagamento de funcionários públicos. Além disso, apenas o Estado de Pernambuco, concentrava 30% do valor conferido ao Nordeste. Hoje, essa concentração tem diminuído, mas a região continua não recebendo o tratamento que merece, em função de sua potencialidade, de seu tamanho e sua população.

20 — A Lei contra a SUDENE. ÀS vésperas do movimento militar de março de 1964, o órgão dispunha de fortes instrumentos de capitalização e de transferência de recursos da União, mas em 1967, a Constituição suprimiu todas as vinculações e anulou o Artigo 10 da Lei nº 3.692, dando início a um processo de esvaziamento da SUDENE que continuou até 1970, com o Decreto Lei 1106, criando o Programa de Integração Nacional que amealhou 30% dos incentivos fiscais. Em 1971, o Decreto-Lei 1179 criou o Proterra, tomando mais 20% dos incentivos fiscais do Nordeste e, em 1974, o Decreto-Lei 1376 instituiu os fundos: Finor, Finam e Fiset, sacando recursos dos incentivos em percentuais variados. Em 1979, já no Governo Figueiredo, o ministro Delfim Netto sugeriu e conseguiu a prorrogação do prazo de validade do Proterra, exatamente um dia após o discurso do Presidente, em que mencionava: "O Brasil não pode ser feliz com um Nordeste miserável", em Recife. Os seguidos esvaziamentos serviram para a cons-

trução de obras faraônicas, em diversas regiões brasileiras, e o Nordeste foi esquecido.

QUANTO PERDEU A SUDENE

Segundo o deputado Manoel Novaes, da Bahia, a SUDENE perdeu recursos no montante de 70 bilhões e 614 milhões de cruzeiros, a preço de 1979. O Quadro mostra os valores que eram "de direito" da SUDENE e que foram desviados para outros setores/atividades/regiões.

QUADRO I — Dotações para a Região Nordeste — Ano de 1979			
DNOCs	De direito	Recebido	Diferença
SUDENE	12.421	959	11.462
CODEVASF	8.281	801,4	7.479,6
	4.140	—	4.140
Total	24.843	1.760	23.083
Nota: Em 1979 a receita da União foi de Cr\$ 414.060 milhões			

QUADRO II Dotações para a Região Nordeste — de 1968 a 1979			
DNOCs	De direito	Recebido	Diferença
SUDENE	39.107	3.426	35.681
CODEVASF	26.072	3.616	22.456
	13.036	559,1	12.476,9
Total	78.216	7.601	70.615
Nota: De 1968 a 1979, a receita da União foi de Cr\$ 1.303.588 milhões			

Qual seria o motivo para garantir que as autoridades alheias ao problema nordestino pudesse tripudiar sobre as necessidades de 30% da população brasileira?

As causas para o fracasso da SUDENE devem ser buscadas em um nível de cúpula e as próprias autoridades, técnicos e políticos apontam, hoje, o enfraquecimento político da região como fator fundamental. A SUDENE foi concebida, no papel, mas transformou-se em um aborto, para beneficiar putras iniciativas governamentais. Esse aborto, no entanto, foi sem dúvida — pessimamente mal engendrado, pois as falhas ficaram em aberto, disponíveis para análise do grande público, principalmente o nordestino. Hoje, a região encontra-se mergulhada num problema de concentração populacional em certos municípios exigindo recursos, provocando sangrias nas verbas, dificultando um planejamento global de desenvolvimento.

No momento em que a responsabilidade sobre o Nordeste foi concentrada em Brasília e em que o Executivo Federal tornou-se excessivamente forte, foi decretado — automaticamente — um estado de recessão para a região. A partir daí, os governadores transformaram-se em meros agentes do poder central, nomeados pelo poderoso Chefe da nação brasileira, para cumprir, unicamente e rigidamente, as normas emanadas de Brasília. E foi o que aconteceu, com mínimas exceções.

A SUDENE fracassou, sem dúvida, mas a culpa não foi dos nordestinos, nem dos comandantes, a culpa deve ser imputada a essa nossa época de mudanças, época de pré-parto, época em que muito se fala sobre Direitos Humanos, e no entanto, desviam-se recursos do Nordeste para construir estradas e pontes, de duvidável utilidade diante da situação atual.

Hoje, é chegado o momento de revisar os capítulos da História e verificar porque a SUDENE foi quase cancelada, ou porque o Nordeste continua sendo alienado da realidade nacional e, a partir daí, traçar novas estratégias, com a única finalidade de garantir um mínimo de felicidade existencial para 30% da população brasileira, que insiste em viver na região.

É hora de despertar o senso patriótico e aquecer o sangue dos políticos regionais, pois a abertura que se verifica no modelo brasileiro pode ser a chama que venha a permitir melhores dias para todos.

Inseminação Artificial

A tecnologia mais moderna para todo o Brasil

Desde quando iniciou os trabalhos de coleta e comercialização de sêmen, a CABANA DA PONTE acreditava que somente a Inseminação Artificial poderia garantir uma pecuária de alto nível e bom rendimento econômico. Desde aquela época, o trabalho em Itororó, no sul da Bahia, começa antes do sol nascer e mergulha pela noite a dentro. E o resultado desse trabalho incansável e orientado para o desenvolvimento da pecuária tem resultado num prodigioso crescimento da empresa na paisagem do Nordeste.

Ainda em 1980, a CABANA DA PONTE ampliará, com recursos suplementares do Banco do Nordeste, seu Centro de Inseminação Artificial, para ajustar a sua estrutura operacional ao grande impulso de vendas, decorrente do alto nível tecnológico e da absoluta confiabilidade do sêmen comercializado (todo o sêmen que não atinge os níveis de qualidade ideais, dentro do padrão CABANA — muito superior ao do próprio Ministério — é cancelado).

Pelo dinâmico trabalho à frente da empresa, o presidente Dr. Sinval Palmeira mereceu da Sociedade Nacional da Agricultura, a laurea conferida aos que mais contribuíram, no ano de 1979, para o crescimento da agropecuária brasileira.

A filosofia da CABANA DA PONTE é bem nordestina. "trabalhar sempre, confiar no homem, aceitar o desafio da natureza e dominá-la". Esse é o destino do próprio homem. Não existe, assim, pessimismo ou derrotismo na CABANA DA PONTE, mesmo com a difícil situação atual.

MAJESTIC—uma "Majestade Bovina"

Em 1979, pretendendo comercializar sêmen de Holandês de excelente qualidade internacional, a CABANA



Sede da Cabana da Ponte, em Itororó, BA

DA PONTE importou do Canadá dez touros das mais renomadas famílias, entre os quais salienta-se AGRO ACRE FOND MAGESTIC, um notável touro, produto de transferência de Embrião, cuja história merece ser contada.

Os canadenses resolveram fazer um super-touro e acharam que ele deveria ter o pai, o avô, o bisavô, a tataravô e o tetravô — todos com o título máximo de "Excellent". Acharam também que a mãe, a avó, a bisavó, a tataravó e a tetravó também deveriam ser "Excellent". Após a necessária pesquisa, localizaram o pai, a mãe e, pelo processo de Transferência de Embrião, conseguiram fazer nascer MAJESTIC, agora na CABANA DA PONTE. Assim, esse touro tem em seu pedigree,



Hy-Class, notável reprodutor P&B canadense



Paqui, filho do genearca Natal

cinco gerações de "Excellent", tanto pelo lado paterno, como materno.

Como se esperava, os resultados da coleta de sêmen e congelamento são surpreendentes: jamais um touro demonstrou tal poder fecundante, após o Teste de Termo-Resistência (teste realizado apenas por duas Centrais de Inseminação, no Brasil).

Os demais touros importados do Canadá são todos da mais fina elite: ROMANDALE COUNT EBONY, Campeão All-Canadian, QUALITY HY-CLASS, OAK RIDGE FLEETWOOD e outros, muito conhecidos no próprio Canadá. E SAVAGEDALE CITATION RED, filho de Rosafé Citation, o extraordinário genearca, tendo por mãe uma vaca de 18.000 quilos de leite/ano.

ATENDIMENTO ESPECIAL AO NORDESTE

O desenvolvimento não poderia, no entanto, restringir-se apenas à aquisição de notáveis touros e a CABANA DA PONTE investiu na formação de mão-de obra especializada, enviando técnicos para o exterior, adquirindo novos equipamentos, construindo mais de 50 novas moradias para trabalhadores, com absoluto conforto e higiene, plantou e recuperou 160 hectares de



CABANA DA PONTE AGRO-PECUÁRIA LTDA.
ITORORÓ - BAHIA - INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

Salvador — BA: Dep. de Vendas — Av. Cardeal da Silva, 145 — Tel.: 247-0084

Rio: Rua Uruguaiana, 10 — S/1209-10 — Ed. Largo da Carioca — Tel.: 242-1128 — CEP 20.050



O presidente da Cabana, Dr. Sinval, e o prefeito de Itabuna, Dr. Fernando Gomes, por ocasião da inauguração da sede-comercial na cidade.



Sir Gallant, schwyz POI



Veterinários em estágio—Tenório (RN), Josevaldo (BA) e Nivaldo (SE), todos especializando-se no trabalho da Cabana e sincronização de cio.

cacau, passou a importar semên canadense, da Semex, dos mais famosos touros provados. Tudo isso dentro de uma filosofia de Brasil rico para os brasileiros.

Querendo acelerar o desenvolvimento nordestino, a CABANA DA PONTE está propondo e já recebendo calorosa aceitação de seu novo desafio: implantação de um Programa de Inseminação nos Estados Nordestinos.

O Programa abrange todas as etapas para a consolidação e modernização da pecuária de qualquer Estado. Depois dos entendimentos necessários, a CABANA DA PONTE assume a responsabilidade de contratar, treinar, e distribuir técnicos, veterinários e instrutores pelo Estado, com a intenção de apresentar após o período determinado, uma pré-fixada quantidade de fêmeas inseminadas, e com bezerros ao pé, em uma grande quantidade de fazendas a serem determinadas pelo seu nível de modernização.

Ou seja o Estado transfere a responsabilidade de modernização da pecuária, pela via de Inseminação Artificial, a uma empresa idealista de real competência, tendo em vista obter resultados práticos e seguros, no tempo mais curto possível (que é de uma gestação). Dessa maneira, desde o início do Programa, o Estado passa a contar com a garantia de que, após o tempo pré-fixado, terá bezerros nascendo através da I.A.

Mais um grande desafio que se propõe a CABANA DA PONTE e que, certamente será vencida, com orgulho de gente nordestina.

Desejo receber, sem quaisquer compromissos de minha parte as informações abaixo — GRATUITAMENTE, pelo correio.

- Nome:
 Fazenda:
 Endereço p/ remessa:
 Cidade: Estado:
- Quando há Cursos de Treinamento de Inseminadores?
 - Qual a explicação matemática que justifica iniciar Inseminação Artificial em um rebanho de 100 fêmeas?
 - E para um rebanho de 500 ou 1.000 fêmeas?
 - Qual a despesa para se iniciar um programa de I.A. na fazenda?
 - Favor enviar mais detalhes sobre I.A. — gratuitamente.
 - A Cabana assumiria a responsabilidade pelo sucesso de um programa em minha propriedade?
 - Quantas fêmeas devemos inseminar, para garantir a vinda periódica de um técnico da Cabana da Ponte?



CABANA DA PONTE AGRO-PECUÁRIA LTDA.
ITORORÓ-BAHIA-INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

Salvador — BA: Dep. de Vendas — Av. Cardeal da Silva, 145 — Tel.: 247-0084
 Rio: Rua Uruguaiana, 10 — S/1209-10 — Ed. Largo da Carioca — Tel.: 242-1128 — CEP 20.050

SCHWYZ em
regime de
campo na
região mais
árida do
Nordeste

FAZENDA PANORAMA

CATOLÉ DO ROCHA, Paraíba
Av. Venâncio Neiva, 308. Fone: 210 . CEP 58884.

JOSÉ
SÉRGIO
MAIA

GRANDE CAMPEÃO DA RAÇA SCHWYZ

MAKER DUCHESS

Nasc: 13.05.1974

Peso: 990 Kg

A avó de Maker, Madam Hilda Princess, e a bisavó P-Mable's Tamarind Violet, nos Estados Unidos, atingiram a notável marca de 11.122 kg de leite.

- Campeão Touro Jovem, na 1a. Expo. Nacional de Gado Schwyz, São Paulo/1977.
- Campeão Sênior – Expo. Paraibana/1979.
- Grande Campeão da Raça – Expo. Paraibana/1979.



SCHWYZ com
touro de
linhagem
americana e
linhagem
européia

Desejo receber, sem qualquer compromisso de minha parte, pelo Correio, os itens abaixo assinalados, GRATUITAMENTE:

Nome:

Fazenda:

Endereço:

Cidade:

Estado:

☐ Preços de Novilhas

☐ Detalhes sobre manejo de clima seco

☐ Preços de tourinhos

☐ Quantidade p/venda

- Maior fornecedor de leite na região
- Os bezerros de José Sérgio são anualmente pesados, tendo já atingido até 51 kg ao nascer

TOURINHOS REPRODUTORES À VENDA

Temos Tourinhos 3/4 até 15/16 de Schwyz.

Sobre nossos preços pelo correio

"Se Brasil exportar Zebu, Venezuela também exportará... com mais vantagem!"

Nosso amigo leitor afirma que a Venezuela tem melhores condições de exportar Zebu para os Estados Unidos e México, e que não pretende ficar alheio ao movimento iniciado no Brasil. Ele explica as vantagens e emite sua opinião sobre a exportação brasileira, afirmando ser contrário à sua realização, quanto a machos e fêmeas

Jesus
Alberto
Chapellin
—
Caracas
Venezuela

Primeiramente desejamos felicitá-lo pela revista "Paraíba Pecuária", que é a que contém maior quantidade de artigos interessantes para ler, de todas as revistas do gênero; assim como gostamos mais ainda por sermos apaixonados pela cria do Guzerá e a revista é quase especialista na raça.

Surpresa nos causou ao encontrar na edição de novembro/79, a publicação de uma carta que escrevemos dirigida pessoalmente ao "Lic. Lucas de La Garza" da Asociación de criadores de Cebú de México, tal carta foi escrita dia 13 de março de 1979.

Podem imaginar nossa surpresa ao vermos publicada, não em uma revista mexicana e sim em uma revista brasileira a nossa carta. Isto pelo menos significa que as comunicações entre os zebuístas há melhorado notavelmente...

Creio que a conclusão que vocês tiraram da carta é a correta; não só o Brasil pode exportar Zebu. Em expressão usada pelo Presidente da ABCZ, na mesma edição de novembro/79, pág. 21: "O mercado é livre, vende quem chega primeiro, ou quem trabalha melhor, e tenha o melhor produto". Em outras palavras: quem ofereça melhores condições. E acreditamos que nós podemos levar vantagem ao Brasil com relação ao mercado da América do Norte e Central por vários aspectos:

- 1) Estamos na metade do caminho.
- 2) Podemos oferecer o mesmo potencial genético (em menos quantidade, mas quase da mesma qualidade).
- 3) E o que é mais importante para os Estados Unidos, o aspecto sanitário. Venezuela tem um controle sanitário muito rígido e a aftosa (o terror dos

americanos) praticamente não existe.

Desta maneira, ainda que pareça engraçado, acreditamos que os requisitos sanitários exigidos pelos Estados Unidos, são mais viáveis de cumprir com gado venezuelano do que com brasileiro.

Gostaríamos de recordar que na última quarentena feita entre Brasil e Venezuela, de 700 animais escolhidos em diversas fazendas brasileiras, nenhum chegou à Venezuela!... E isto que nossos requisitos para importação são menores que os dos americanos.

Devemos pensar bem, pecuaristas brasileiros e venezuelanos, neste momento histórico, em que se pretende exportar para E.U.A., não como concorrente e sim conjuntamente, valorizar o potencial genético que temos em nossas mãos e não entregá-lo por uns dólares, que teremos que devolver, e com juros, em muito pouco tempo.

É verdade que no começo do ano, tivemos a idéia de entrar neste mercado, motivados pelo interesse destes países em comprar gado zebu puro de origem. Hoje em dia, analisando a situação friamente, achamos que seria um grave erro, com consequências imprevisíveis, se entregamos esse potencial genético; acreditamos que não se deve exportar nem machos, nem fêmeas, somente sêmen.

Qualquer exportação de animais, significaria uma futura invasão em animais e sêmen, provocando uma baixa nos valores que atualmente tem o nosso gado zebu puro de origem.

O Brasil seria o grande prejudicado, pela quantidade de gado que possui e também pelos grandes investimentos feitos nas Centrais de Inseminação Artificial.

Desta decisão (opinião pessoal) devemos atuar conjuntamente e fazer acordos mútuos:

— Se o Brasil não exporta... Venezuela não exportará.

— Se o Brasil exporta... Venezuela entrará na concorrência.

Quero deixar claro, a título pessoal, que sou um grande admirador de seu país e da pecuária zebuína que possuem. Se não fosse pelos muitos amigos brasileiros que nos ajudaram na seleção dos animais comprados e outros que, por amizade, nos cederam alguns animais da própria reserva, tanto a nós como também a outros importadores, Venezuelanos não teria o zebu que atualmente possui e, por isso, estamos agradecidos.

Se desejam saber o que pensamos do Zebu brasileiro, diremos que acreditamos que o Guzerá é a solução para a zona desde o Nordeste até Venezuela, por sua rusticidade e pela seleção adequada que se está fazendo da raça, tanto no Brasil como na Venezuela, sobre isto anexamos um exemplar da revista "Asocebu" aonde na pág. 16 está publicado um artigo nosso chamado "Impresiones del Cebú Brasileño", e se vocês consideram que tal artigo possa ser do interesse de seus leitores, podem reproduzi-lo em sua prestigiosa revista.

Agradecidos ficaríamos da publicação desta carta com o mesmo destaque da anterior, para evitarmos possíveis maus entendidos e é por isto que vai escrita em português, para evitar problemas de tradução. Esperando que esta transcendental decisão das exportações sejam para o bem comum, atentamente. Jesus Alberto Chapellin, 11.12.1979.

Fazenda

BEIRA RIO

FEIRA DE SANTANA – BAHIA

Rua Marechal Deodoro, 198 – Fones: (075) 221-5522 / 0224

ALÍ DA SORAYA

Peso: Já atingiu 1.072 kg
Nasc: 15.02.73
Pai: Farolito
Mãe: Alba OM

- Campeão em Progenie – Feira de Santana /77
- Campeão em Progenie – Salvador/79
- Campeão em Progenie – Feira de Santana/79
- Grande Campeão e Campeão Sênior – Vitória da Conquista/77
- Grande Campeão e Campeão Sênior – Riachão do Jacuípe/77
- Grande Campeão e Campeão Sênior – Feira de Santana/77
- Res. Campeão Sênior – Uberaba/77

Descendente direto da linhagem OM e do famoso touro importado HINDUSTANI. Neto da célebre vaca KUWEL, bicampeã em leite na Índia, com 19,06 quilos diários, importada pelo Brasil.



No cumprimento de seu Programa de Melhoramento das Raças Brasileiras, a CABANA
ba de contratar esse notável reprodutor, que se acha em regime de coleta de sêmen. Cor

JOSÉ DA COSTA FALCÃO LUIS ALBERTO FALCÃO



FILHOS CAMPEÕES

- CAIBAR DO DEUS—DARÁ
- Campeão Bezerra — Salvador/79
- Campeão Júnior — Feira de Santana/79



- BARRA DO DEUS—DARÁ
- Campeã Bezerra — Feira de Santana/77
- Grande Campeão — Feira de Santana/77
- Campeã Júnior Res. Grande Campeã — Salvador/79
- Campeã Vaca Jovem e Grande Campeã — Feira de Santana/79
- DEUSA DO DEUS—DARÁ
- Campeã Júnior — Feira de Santana/79
- CABANA DO DEUS—DARÁ
- Res. Campeã Bezerra — Salvador/79
- Campeã Júnior e Res. Grande Campeã — Feira de Santana/79
- BEBIDA DO DEUS—DARÁ
- Res. Campeã Bezerra — Feira de Santana/77
- Res. Campeã Júnior — Salvador/79

ITORORÔ, Bahia: matriz. Fone: 265-1070
RIO DE JANEIRO, RJ — R. Uruguiana, 10 s/1209/10, Edif. Largo da Carioca. Tel: (021) 242-1128.
CEP 20.050
SALVADOR, BA — Av. Cardeal da Silva, 145, federação.
TEL: (071) 247-0084 — CEP 40000

DA PONTE AGRO-PECUÁRIA LTDA aca-
sulte nossos escritórios a respeito.

Leite nos Trópicos

Em um país onde atualmente 400 mil crianças morrem por desnutrição, a produção de leite deveria ser encarada como uma questão de segurança nacional. Atendendo ao apelo do criador Sinval Palmeira, Huascar Terra do Valle, administrador da Fazenda Tryumphi, apresenta os planos desta fazenda no sentido de desenvolver uma raça de leite produtiva e econômica, adaptada ao clima tropical de cerrado, em pastos melhorados, com o mínimo de suplementação na seca.



Com 1.936 hectares, a Fazenda Tryumphi, de propriedade de M. Roscoe S.A. - Engenharia, Indústria e Comércio, de Belo Horizonte, é uma das melhores e mais belas fazendas da região sob o nome. Além de dedicar-se à pecuária de leite, de corte e mista, a Fazenda Tryumphi é também uma das poucas que procura atender ao apelo do Ministro do Planejamento, Delfim Netto, procurando "canalizar no sentido da Agricultura Orgânica, que harmoniza o homem com a natureza".

No número de setembro da esplêndida revista que é Paraíba Pecuária, tive a alegria de deparar com o artigo de Sinval Palmeira, da Cabana da Ponte, exortando-nos a desenvolver uma raça leiteira para os trópicos.

Certamente Linhagens leiteiras para os trópicos não são uma novidade. Além do Gir e do Guzerá leiteiro, do Girolando do Gurolando (em que os criadores se antecipam aos técnicos) temos a Pitangueira e a Lavínia. Em outros países temos o Taylor, o Australian Milking Zebu, o Jamaica Hope, o Velasquez etc. Entretanto, ainda falta muito para chegarmos a um gado leiteiro tropical para o Brasil, pelo que é oportuno o apelo do conceituado pecuarista.

Com muita honra uniremos nossos esforços aos de outros criadores. Em linhas gerais obedeceremos às diretrizes traçadas por Sinval Palmeira. Entretanto, nossas tentativas revestir-se-ão de algumas características próprias, tanto por causa da particularidades de nossa região quanto por causa de alguns pontos de vista pessoais sobre o assunto.

Comentamos alguns destes pontos de vista que norteiam nossas experiências. Raça é um conceito funcional. Uma convenção, estabelecida pelos próprios criadores, ou um estágio evolutivo de certa população em constante processo de adaptação ao ambiente (Otávio Domingues). Nosso ponto de partida é um ambiente específico, para o qual ainda não existe um tipo de gado simultaneamente produtivo e bem adaptado. Queremos chegar a este tipo, ou a esta raça.

Acreditamos que o caminho mais curto para atingir esta meta é o cruzamento. A seleção de Gir e Guzerá leiteiro são tremendamente válidas, porém lentas para quem persegue também objetivos comerciais, como é nosso caso. São, portanto, mais próprias para órgãos do governo ou criadores que podem dar a este luxo. Provavelmente seu melhor emprego será em trabalhos de cruzamentos, como os preconizados neste artigo. E quando falamos em cruzamentos, é claro que



Vaca comum, com bastante sangue Gir.

nos referimos a cruzamentos de raças principalmente européias, que deverão contribuir com genes de produtividade, com raças rústicas como as zebuínas.

Estabelecendo um gradiente em relação ao atributo rusticidade, temos que a raça menos rústica, e mais produtiva, é a européia. Em seguida, mais rústica e menos produtiva, o gado indiano, como o Gir e o Guzerá. E gostaríamos de considerar mais um agrupamento bovino, que fica no extremo do gradiente, e que, portanto, tem o mínimo de produtividade, e o máximo de rusticidade. Trata-se do gado "Comum" (em nossa região, já com bastante sangue indiano).

Sei que este conceito não é aceito pelos técnicos. Entretanto, parece-nos muito útil, pois se baseia em fato fácil de constatar. Em nossa fazenda possuímos várias vacas Gir PO. Somos obrigados a colocá-las nos melhores pastos, senão elas "sentem". Por outro lado, temos ótimas vacas "comum", que engordam nos mesmos pastos em que aquelas emagrecem e deixam de apresentar cio.

Sabemos que vender "raça pura" em exposições, é um dos bons negó-

cios da pecuária bovina, porém não se enquadra dentro do objetivo da Fazenda Tryumphi, definido como "produção de alimentos saudáveis, através do uso racional da terra, da mão-de-obra e dos insumos". A produção de leite, através de técnicas que propiciem boa produtividade, se enquadra perfeitamente dentro deste objetivo. Por isto, temos como postulado básico que em vez de nos preocuparmos excessivamente com detalhes exteriores dos animais, concentrar-nos-emos principalmente nos itens de produtividade.

Também não queremos nos preocupar com o fato de uma vaca ser ou não registrada. Estamos objetivando produtividade, e achamos que o registro perdeu muito de sua importância quando se compreendeu que é o teste de progênie, e não o pedigree, o padrão pelo qual se deve medir a confiabilidade de um bovino. Em resumo, mais importante é a descendência, e não a ascendência.

Antigamente prestava-se muita atenção a orelhas, chifres, pelagens. Hoje a tônica mudou e o "balde" é mais citado. Ambas as posições são extremistas e, portanto, as evitaremos.

A criação de vaca leiteira tem mais sentido dentro de espírito comercial. Apesar de o governo tabelar os preços de venda e deixar livre os preços dos insumos, tornando impossível a um pecuarista ganhar dinheiro na venda do leite, temos que trabalhar na esperança que nossos líderes acordem um dia e percebam que, com a política atual, a situação da pecuária leiteira se tornará cada vez mais catastrófica.

Pois bem, se concordarmos em que queremos ganhar dinheiro produzindo leite, temos que considerar vários fatores, dentre os quais o balde, ou seja, a "produção diária", é apenas um. Existem outros fatores igualmente

FAZENDA NOVA BAVIERA

MARCELO KOCH GOMES
DOS SANTOS
SÃO GONÇALO DOS CAMPOS
Bahia - Fone: 431
Salvador, BA - Fone:
(071) 248-1056



MAGNOS
Reserv. Campeão Senior
Expo. Salvador - Janeiro.1979

Seleção
Simental Fleckvieh,
com animais
puros de origem,
importados da Alemanha.
Carne, Leite
e precocidade.

PRIMAVERA RISONHA
Campeã Júnior
Expo. Salvador - Janeiro.1979.



RENAULT DE AMSTERDAM
Reserv. Campeão Reserva
Expo. Salvador - Janeiro.1979



PRIMAVERA PALMA
Reserv. Grande Campeã
Campeã Vaca Jovem
Expo. Salvador - Janeiro.1979

- Tourinhos PO à venda
- Mestiços girolandos com Fleckvieh
- CONHEÇA AS VANTAGENS DO FLECKVIEH



decisivos quanto à rentabilidade das vacas leiteiras: a conversão alimentar, a idade da primeira parição, o intervalo entre partos, a persistência da lactação, o conteúdo do leite (sólido, proteínas e gordura), a rusticidade (capacidade de prosperar em ambiente hostis, incluindo alimentação e manejo precários), o temperamento, a habilidade material.

Por causa de todos estes fatores, de grande influência no resultado comercial do rebanho leiteiro, definimos nosso objetivo de maneira um pouco diferente. Não queremos necessariamente chegar a uma vaca leiteira pesada. Queremos isto sim, desenvolver um tipo que proporcione maior lucro por área. Poderemos também chegar a uma leiteira pesada, porém seria classificada, não como leiteira, porém como "mista". Parece-nos que todos os caminhos conduzem à vaca Jersey como paradigma da vaca leiteira e à holandesa como modelo da vaca mista. Nenhuma das raças é melhor que a outra. Para regiões em que o leite é subproduto da carne, recomenda-se gado misto. E vice-versa.



Gado típico da Fazenda Tryumphi.

Como não conhecemos experiências válidas para nossa região, pretendemos fazer várias tentativas na Fazenda Tryumphi, em Buritizeiro, Minas Gerais, região sob cerrado. A fazenda tem 1.936 hectares, um terço das quais de riquíssimas terras de aluvião. O clima da região é preponderantemente quente, porém bastante seco, o que vem minorar o efeito do calor, pois permite melhor funcionamento dos mecanismos de regulação térmica dos bovinos. O clima, por sua vez, é absolutamente imprevisível. Tanto pode ocorrer secas implacáveis quanto enchentes memoráveis, como as de 43, 49 e 79. Estamos implantando pastos de braquiária decumbens e homidicola, bengô, calomão, jaraguá, setaria kazungula, gordura, além de leguminosas e de capineiras.

Por enquanto só temos 243 fêmeas, desde Gir PO até 'pé-duro', passando por giradas, neloradas, guzeratadas, indubriladas e até giro-



Vaca comum, excelente matéria-prima para cruzamentos.

landas. Pelo projeto chegaremos a 1.347 vacas e 1.078 novilhas, o que nos proporcionará ampla oportunidade de experimentação. A escolha de um rebanho de vacas comuns foi inevitável. Dentro deste rebanho comum demos preferência a animais adaptados à região.

A opção pela inseminação artificial foi inevitável, pelas inúmeras vantagens que oferece. Entre estas vantagens ressalta o fato de que touros de raças européias não sobreviveriam na região. Já estamos praticando a inseminação artificial há mais de um ano, e mais de 50 bezerros já nasceram por este sistema. Já conseguimos índice de prenhez de 90%.

Poderíamos ter optado apenas por uma raça, a holandesa, por exemplo. Entretanto, queremos fazer experiências, animados do mais construtivo pragmatismo. Queremos pagar para ver. Por isto adquirimos sêmen de várias raças (inclusive de corte, para aplicar na vaca sem vocação leiteira).

Na escolha do sêmen ficamos um pouco limitados ao fornecedor. Por isto adquirimos de: holandeses malhado de preto e malhado de vermelho, Jersey, Fleckvieh, Schwiz, e Gir leiteiro. Gostaríamos de adquirir também sêmen de Holandesa brasileira malhada de vermelho, Ayershire, Dinamarquesa, Guernsey, e, principalmente, de Sahiwal, a raça indiana de maior potencial leiteiro.

Em um programa de cruzamento, a primeira geração (F1) não ofe-



Mestiça Comum-Fleckvieh.



Mestiça Comum-Holandês malhado de vermelho.

rece problema. Sabe-se que a vaca meio-sangue puro-indiana proporciona excelentes produtos, devido ao conhecido fenômeno da heterose, ou choque de sangue. O problema reside no segundo cruzamento.

Se aplicarmos sêmen europeu no meio-sangue, o produto será 3/4, considerado muito europeu para o clima tropical. Ou seja, pouco rústico. Se aplicarmos sêmen zebu o produto será muito rústico, e pouco produtivo.

Portanto, a decisão crucial de qualquer programa de cruzamentos reside na segunda geração, chamada F2. Como não conhecemos experiência válida para nossa região, precisamos fazer várias tentativas. Optamos, portanto, partir para duas linhas de cruzamento. Uma, para obtenção de 5/8 de sangue europeu e 3/8 de sangue rústico (zebu ou comum), que é a proporção recomendada pela maioria dos técnicos. A segunda linha seria a manutenção da proporção do sangue em partes iguais, ou seja, 50% europeu e 50% comum, ou zebu.

Importante: em ambas as linhas, para nos beneficiarmos do efeito da heterose, e para fugirmos dos inconvenientes da repetição em F3 do mesmo sêmen do F2, partiríamos para o tricíros.

LINHA PRIMEIRA — 5/8 europeu-indiano.

Sêmen de raças européias (produtivas) são aplicadas em vacas comuns (rústicas), originando o meio-sangue euro-rústico. Em seguida, se o produto meio-sangue recebesse sêmen europeu, o produto seria muito produtivo, ou seja muito "fino". Portanto, o produto meio-sangue é inseminado com sêmen Gir Leiteiro, "voltando" a raça para apenas 1/4 europeu e 3/4 Gir e Comum. Por sua vez, este produto 3/4 recebe sêmen europeu, resultando em produto 5/8.

Este 5/8, entretanto, por tricíros, beneficiar-se-á ao máximo das vantagens da heterose.

Vejamos um exemplo: F1: Jersey sobre Comum — 1/2 sangue Jersey. Comum. F2: Gir leiteiro sobre Jersey-Comum — 3/4 rústico (2/4 Gir, 1/4 Comum e 1/4 Jersey). F3: Holandês sobre 3/4 rústico: 5/8 europeu (4/8 Holandês e 1/8 Jersey) e 3/8 rústico (2/8 Gir e 1/8 Comum). (Quadro 1).



Fazendas
Reunidas

BELO HORIZONTE



JOEL, ANTONIO e FIDELIS

CONCEIÇÃO DO ALMEIDA, BA - BR-101, Km 262 - CEP 44.540

Escritório: SALVADOR, BA - Praça da Sé, 7 - Edif. Themis, cj. 201/202

Fone: (071) 243-7069

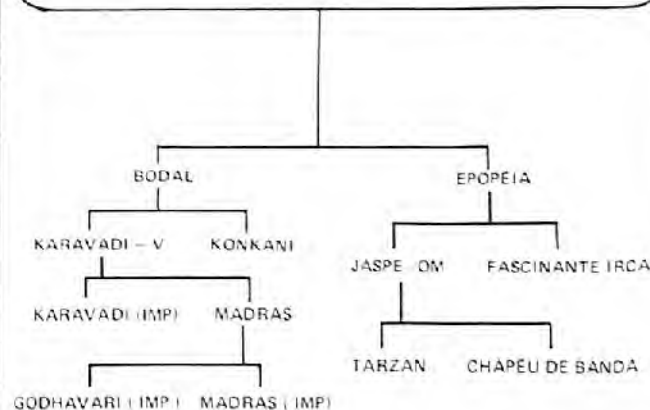


OPERA

Nasc: 23.09.76

Peso: 610 Kg (jan. 80)

• Campeã 11 vezes na Bahia, desde Campeã Bezerra até Grande Campeã (Feira de Santana / 79, Amargosa 79 / 78)

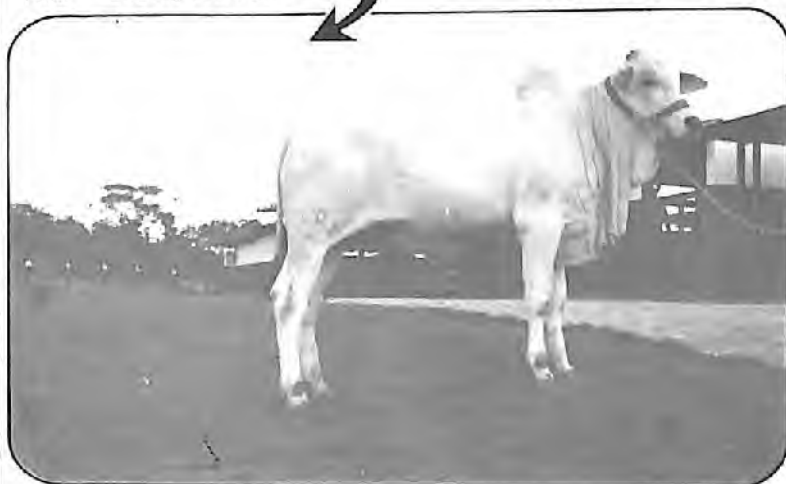


ATLANTICA < NATAL
KANSAS IRCA

Nasc: 24.11.77
Peso: 540 kg (Jan. 80)

GONTHUR - 103 < OPERA
ANTU-POI < KARVADI (IMP)
KRINDA (IMP)

Nasc: 23.05.79
Peso: 343 Kg (Jan. 80)



CHAKRI < ANTU < KARVADI (IMP)
KRINDA (IMP)
ARABIA < TAGHORE < GONTHUR (IMP)
SOMBRINHA < GOOPHALA (IMP)

Nasc: 14.08.79
Peso: 245 kg (Jan. 80)

SELEÇÃO NELORE voltada para Peso, Raça e Precocidade, padreada por ANTU-POI, com 960 kg.

QUADRO I LINHA PRIMEIRA – 5/8 EURO-INDIANO

OBJETIVO	1º CRUZAM.	2º CRUZAMENTO	3º CRUZAM.	TRICRÔS 1/8 + 4/8 europeu 1/8 comum + 2/8 indiano
LEITEIRA	HOLANDÊS	GIR LEITEIRO	JERSEY	HOLANDÊS + JERSEY GIR LEITEIRO
"	JERSEY	" "	"	JERSEY GIR LEITEIRO
"	FLECKVIEH	" "	"	FLECKVIEH + JERSEY GIR LEITEIRO
"	SCHWIZ	" "	"	SCHWIZ + JERSEY GIR LEITEIRO
MISTA	HPB	" "	HVB	HOLANDÊS PB + VB GIR LEITEIRO
"	JERSEY	" "	HOLANDÊS	JERSEY + HOLANDÊS GIR LEITEIRO
"	FLECKVIEH	" "	"	FLECKVIEH + HOLANDÊS GIR LEITEIRO
"	SCHWIZ	" "	"	SCHWIZ + HOLANDÊS GIR LEITEIRO
CORTE	SHORTHORN	NELORE	CHAROLÊS	SHORTHORN + CHAROLÊS NELORE
"	"	"	CHIANINO	SHORTHORN + CHIANINO NELORE
"	HEREFORD	"	CHAROLÊS	HEREFORD + CHAROLÊS NELORE

OBSERVAÇÕES:

- A 1ª matriz é sempre comum, e o resultado é 1/2 sangue euro-indiano.
- Neste resultado meio-sangue é aplicado sêmen misto, para constituir 3/4 com maior percentual de sangue rústico (comum e indiano). No gado de leite usaremos Gir leiteiro.
- Se tivéssemos, também usaríamos Sahiwal.
- No 3/4 é utilizado sêmen europeu, para compor o 5/8, preconizado pela maioria dos entendidos do assunto. Este último sêmen é que caracteriza o produto final, devido a constituir 4/8 da composição racial. Junto ao 1/8 da primeira raça, completa o 5/8.
- Os produtos de 3º cruzamento serão acasalados entre si, para chegarmos ao bi-mestiço tricrô. Dai para diante é realizada seleção e melhoramento, conforme tem sido feito por vários melhoristas. As experiências podem mudar de rumo, na eventualidade de aparecimento de elementos excepcionais.
- Para efeito de composição do tricrô, considera-se Gir e Comum como uma só raça.
- Como curiosidade, apresentamos também alguns exemplos de raças de corte, baseados nos mesmos princípios.
- HPB = Holandês malhado de preto. HVB = Holandês malhado de vermelho.
- Calcula-se em mais de 10 anos o prazo necessário para iniciar a mestiçagem.
- É claro que, com tantas experiências, não nos esqueceremos também de desenvolver o Gir leiteiro, aproveitando as magníficas Gir PO que possuímos, e animados por excelentes resultados obtidos por vários criadores, como Resende Peires e Gabriel Andrade.



"Tetéia", a primeira mestiça Comum-Jersey a nascer na Fazenda Tryumpho

Depois de atingir o estágio de 5/8 parte-se para a mestiçagem, a fim de sanear genes inconvenientes e concertar genes desejáveis. Praxe já consagrada na formação de novas raças.

LINHA SEGUNDA – 1/2 sangue euro-indiano

Praticar a inseminação artificial em mais de 1.000 vacas não é muito fácil. Portanto, seria conveniente que parte do rebanho fosse servido pela monta natural. Tal sistema cabe perfeitamente dentro de um esquema tricrô para mestiço meio-sangue.

Tanto para a linha primeira quanto para a segunda estamos inseminando a vaca com sêmen europeu de alta produtividade. Teremos portanto grande disponibilidade de vacas meio-sangue. Te-

remos também grande número de touros mestiços, que deverão ser descartados. Entretanto, podemos reservar dois dentre os melhores, das raças Holandês-Comum e Jersey-Comum. Aplicaríamos o Jersey-Comum em Vacas Holandês-Comum, Jersey-Comum, Fleckvieh-Comum e Schwiz-Comum. Aplicaríamos o Holandês-Comum em vacas Holandês-Comum, Fleckvieh-Comum. Teremos assim sete tipos de meio-sangue, em várias combinações de 50 sangue europeu e 50 sangue rústico (Quadro II).

Embora 5/8 seja considerada a proporção bem balanceada de sangue europeu e rústico, para a região do Pirapora talvez o meio sangue seja adequado. Por enquanto é difícil saber, porque, embora haja muitas vacas Girolanda na região, não se sabe a proporção de sangue holandês das mesmas. A prática local, completamente errada, consiste em comprar, em exposições, um touro holandês bonito, e jogá-lo no rebanho. Resultado: em vez de fazerem Girolanda, como é a intenção, acabam praticando o cruzamento absorvente, prática inteiramente condenada para a região. Por isso, quando se compra uma Girolanda, não se sabe se é meio-sangue, 3/4, 7/8, 15/16, 31/32 ou já Puro por Cruzar. A rusticidade tem muito a ver com o manejo e a alimentação e não só com o clima. Queremos produzir leite a partir de capim, e não de ração. O que faz do bovino uma verdadeira máquina de produzir alimentos é sua capacidade de produzir proteínas a partir de capim. Portanto, o aproveitamento desta faculdade é o objetivo lógico da pecuária leiteira. E acreditamos que os meio-sangue apresentarão melhor desempenho. Em tempo, saberemos.

CRÍTICAS

Sabemos que este plano encontrará algumas críticas, as quais procuraremos responder por antecedência:

COMPLEXIDADE: realmente optamos por um plano complexo e, aparentemente, difícil. Na prática, entretanto, não é tão complicado. Todas as vacas são numeradas, com números grandes e visíveis. São relacionadas em um livro, com colunas para data da inseminação, tipo de touro, data do toque, data do nascimento, etc. Por sua vez, as bezerras nascidas de inseminação são também registradas, constando, inclusive, o sêmen que deverá receber. Isto quanto à formação de meio-sangue e de 5/8. Quanto à mestiçagem, seja para fixação dos caracteres dos 5/8, seja para a fixação dos meio-sangue, já é mais complexa. Porém é uma questão de manejo e de boas cercas. E muito capim.

DISSOCIAÇÃO MENDELIANA: esta é a principal objeção. Existe um preconceito contra o cruzamento de mestiços. Entretanto, este preconceito, no caso presente, não se justifica. Quando se trata de apurar uma raça, em termos de beleza, objetivando participar em exposições, é absolutamente contra-indicado o uso de mestiços. A regra é o cruzamento consanguíneo. Entretanto, quando se trata

JABOTICABA da SEX

CAMPEÃ DA RAÇA - Campeã Bezerra

Aos **9** meses, com **278** kg — Expo. IPIAÚ, BA — Dezembro/79.

Por FAULAD-POI da S.C. x BERTIOGA PO da SEX



Fazenda **SANTO EXPEDITO**

BARRA DO ROCHA
Bahia

Garrotes **CONTROLADOS PO**
a partir de

cr\$ 20.000,00

Disponemos das Linhagens:

KARVADI (IMÂRATH-POI) — (DONON-POI)
GOLIAS (FAULAD-POI) — (FLAFLU-PO)

CONSULTE-NOS: MURILO LEITE

Salvador, BA — CEP 40.000 — Rua Raul Leite, 130
ou pelo Telefone: (071) 244-0307 (à noite).

QUADRO II
LINHA SEGUNDA – 1/2 SANGUE EURO-INDIANO

1º CRUZAM	2º CRUZAMENTO	MESTIÇO 1/2 SANGUE
HOLANDÊS	JERSEY-COMUM	HOLANDÊS + JERSEY COMUM
JERSEY	" "	JERSEY COMUM
FLECKVIEH	" "	FLECKVIEH + JERSEY COMUM
SCHWIZ	" "	SCHWIZ + JERSEY COMUM
HOLANDÊS	HOLANDÊS-COMUM	HOLANDÊS COMUM
FLECKVIEH	" "	FLECKVIEH + HOLANDÊS COMUM
SCHWIZ	" "	SCHWIZ + HOLANDÊS COMUM
SHORTHORN	CHIANINO-COMUM	SHORTHORN + CHIANINO COMUM

OBSERVAÇÕES:

- A primeira matriz é sempre comum, de preferência girada.
- O manejo para a monta natural é muito fácil, pois com apenas dois touros enxertam-se à toda a vacada mestiça.
- Só o resultado final permitirá a classificação como vacas leiteiras ou mista.
- Apresentamos também um exemplo de raça de corte 1/2 sangue.
- As experiências de nºs 2 e 5 não devem ser consideradas triclôs, embora no caso do Holandês + Holandês poder-se usar HPB e HVB. O resto é triclôs.

de fundir os patrimônios econômicos de duas ou mais raças, pode-se apelar sem medo para a mestiçagem, pois os caracteres econômicos, geralmente plurifactoriais e altamente dependentes do ambiente e do manejo, são de baixa herdabilidade (Otávio Domingues).

Pode ser aventada a objeção que as experiências aqui descritas resultarão em tremenda quantidade de variáveis. Tanto melhor. Esta grande variedade é mesmo a matéria-prima com que se trabalha em um programa de seleção e melhoramento.

É certo que na mestiçagem podem ocorrer verdadeiros desastres genéticos, pois a recombinação de genes é aleatória. Principalmente quando se misturam grande quantidade de genes, de origens tão contrastantes quanto em nossas experiências. Entretanto, isto não constitui problema. Os animais inconvenientes serão descartados para o açougue. Por outro lado, também haverá a possibilidade de surgirem elementos excepcionalmente bons, que seriam aproveitados por consanguinidade, na formação de novas linhagens economicamente vantajosas. A formação das raças mais famosas quase sempre se baseou nestes acontecimentos, que são benesses próprias de mistura de raças. Lembremo-nos, por exemplo, de Hubback, touro de origem desconhecida, que deu origem à melhor raça de corte do mundo, a Shor-

thorn. Quanto à famosa Santa Gertrudis, descende integralmente do famoso "Monkey", que "aconteceu" no meio de inúmeras experiências. Também nas raças zebuínas temos exemplos como do grande raçador "Hazan". O grande cavalo de corrida Eclipse, também um destes fortunatos acidentes, gerou 344 vencedores como ele, e hoje, calcula-se que os cavalos de corrida de todo o mundo sejam descendentes de apenas 3 exemplares excepcionais: Eclipse, Herod e Matchem.

JERSEY: a mera pronúncia do nome Jersey suscita protestos de alguns criadores e técnicos, apaixonados pela venda do bezerro, e alérgicos à produção do leite. Dou-lhes razão. O governo tem feito tanta demagogia com o preço do leite que uma atitude cautelosa para com o mesmo é justificável. Entretanto, outros fatores devem ser considerados:

Jersey pequeno mesmo, é o da Inglaterra. O jersey americano, que usamos (Joyce Supreme e Sleeping Milestone), é o maior. Provavelmente mais pesado que um boi comum. Além disto, mestiçado com outras raças, não terá tantas influências no tamanho dos indivíduos (embora futuramente tencionemos criar uma raça o mais pequena possível, uma espécie de super-cabra, talvez cruzando Jersey com Sindi, que é o Jersey dos indianos). E é claro que não injeta-

remos sêmen Jersey em raça para corte, que também pretendemos desenvolver.

Embora não se possa negar que o menor tamanho do Jersey se reflète em menor preço do bezerro, devemos atentar para os fatores relacionados ao leite, que compensam largamente esta desvantagem. Para começar, a Jersey é tão precoce que, quando uma vaca holandesa começa a dar leite, a Jersey já está em lactação há um ano. Se calcularmos o preço do leite produzido em um ano, veremos que é superior ao valor do bezerro. O conteúdo em gordura do leite do Jersey é também maior, o que para a Fazenda Tryumpho é importante, pois fornecemos leite à Itasa, outro projeto Sudene, que remunera também este produto.

Dentre as raças européias, a Jersey é a que oferece maior resistência ao calor, e é também a mais rústica, devido à pobreza natural da Ilha de Jersey, de onde é originária. A Jersey oferece ainda grande persistência de lactação, que é um fator talvez mais importante que a produção máxima diária. É também uma raça muito prepotente geneticamente, por estar em estado de pureza racial há muito tempo.

Além de ser também campeã em conversão alimentar, a Jersey é a que gasta menos alimento de manutenção, pelo óbvio motivo que é muito mais fácil alimentar 300 que 600 quilos (peso médio da holandesa). Por isto a Jersey permite maior obtenção de leite POR ÁREA que qualquer outra raça. E é indiscutível que "leite por área" é mais importante que "leite por animal", pois é muito mais fácil aumentar o rebanho que a fazenda.

A Jersey oferece ainda menores intervalos entre partos, maior facilidade de manejo, etc.

Por causa de todas estas vantagens a Jersey compõe o segundo maior rebanho leiteiro em inúmeros países, e foi a raça escolhida para formar as principais raças leiteiras para os trópicos, a Jamaica Hope e a Australian Milking Zebu. Entretanto, no Brasil, ela tem sido desprezada, por causa da paixão pelo bezerro e pelo balde, e também por causa da sabotagem sistemática que o governo pratica contra os produtores de leite. O único trabalho de cruzamento que conheço é do Dr. Guilherme Mascarenhas Dalle, em Paraopeba-MG. Na certa devem existir outros.

Aceitamos com prazer visitas, críticas e sugestões. Huascar Terra do Valle, av. Joaquim de Mello, 656, 39280 - Buritizeiro, Minas Gerais (ao lado de Pirapora, a 160 km de Montes Claros, às margens do São Francisco) Fone: (037) 741-1568.

ITAPETINGA BAHIA

13 A 20 DE ABRIL 1980

XVI EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA



BANCOS

BRASIL

NORDESTE

ESTADO DA BAHIA

ECONÔMICO

BRASILEIRO DE DESCONTOS

ITAÚ

PROMOÇÃO

- SINDICATO RURAL
- SEC. DA AGRICULTURA
- MINIST. DA AGRICULTURA

COLABORAÇÃO:

- FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA DO ESTADO DA BAHIA.
- CONSELHO CONSULTIVO DOS PRODUTORES DE CACAU.

VENDA
de ARGOLAS,
CURRAIS e
ESTANDES a
partir de
10.02.1980

O Sindicato Rural de Itapetinga sentir-se-á sumamente honrado com sua presença, a esta festa que reúne pecuaristas dos mais diversos pontos do território brasileiro, constituindo um legítimo teste de avaliação da capacidade da pecuária nacional. Estamos à sua espera. Venha e traga os mais destacados exemplares de seu plantel para concorrer aos prêmios ou comercializá-los durante a nossa Exposição.



JOTAMACHADO

FAZENDA DIAMANTE – FEIRA DE SANTANA – BAHIA
Km 12,5 da BA-052 (Estrada do Feijão).

15 ANOS DE
SELEÇÃO DA
RAÇA

MANGALARGA MARCHADOR

Cafundó

PREDILETO

RG. 01057

Nasc: 21/12/75.

HERDADE JUPIÁ
RG. 069

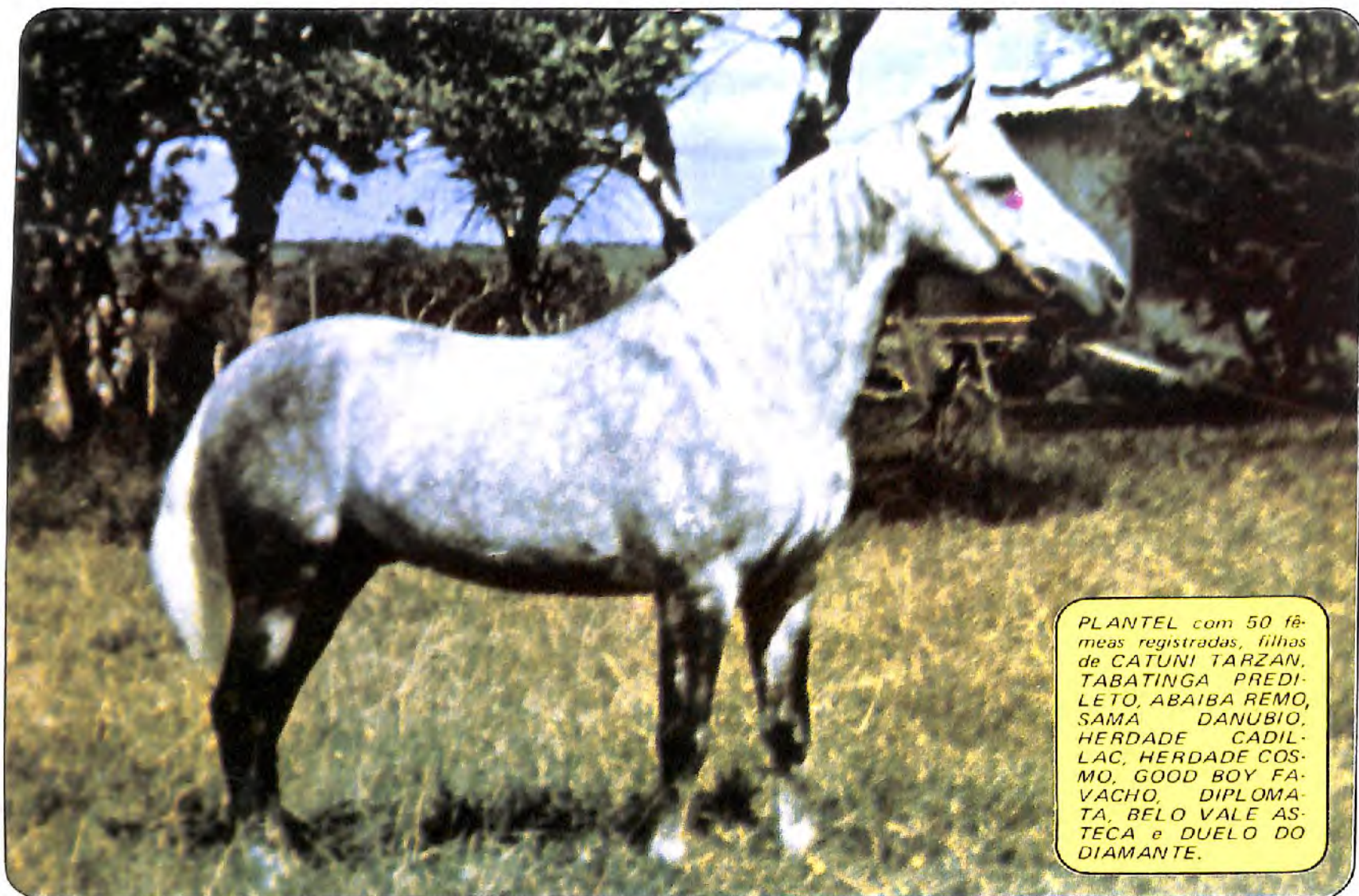
ABAIBA SEREIA
RG. 0385

HERDADE OURO PRETO
RG. 142.
HERDADE ALTEZA
RG. 365

PROVIDÊNCIA ITU
RG. 322
ABAIBA JUREMA
RG. 1331

- Campeão Nacional/1974
- Campeão dos Campeões Nacional/1976
- Campeão Nacional de Marcha/1976.

- Irmã inteira do Campeão Nacional de 1977: ABAIBA REMO.



PLANTEL com 50 fêmeas registradas, filhas de CATUNI TARZAN, TABATINGA PREDILETO, ABAIBA REMO, SAMA DANUBIO, HERDADE CADILLAC, HERDADE COSMO, GOOD BOY FAVACHO, DIPLOMATA, BELO VALE ASTECA e DUELO DO DIAMANTE.

CAMPEÃO CAVALO e R. CAMPEÃO DA RAÇA em Feira de Santana/1979, revelando-se excelente RAÇADOR, através dos seus primeiros filhos.

- SALVADOR – Av. Manoel Dias da Silva, 2269 – Tels: (071) 248-0997/0775
- FEIRA DE SANTANA – Av. Senhor dos Passos, 935 - Sala 117 – Tels: (075) 221-0568/0150



JOTAMACHADO

FAZENDA DIAMANTE – FEIRA DE SANTANA – BAHIA

NELORE

PURO DE ORIGEM, COM AS
MELHORES LINHAGENS IMPORTADAS
DA ÍNDIA – DESDE 1906

TAGHORE

RG. 4338

GONTHUR - Importado da Índia

GOOPHALA - Importada da Índia.

PURO DE ORIGEM
IMPORTADA

- Excelente Genearca que ainda mantém 980 kg, aos 15 anos.
- Produção garantida através de 5.000 ampolas de sêmen da melhor qualidade.
- Bi-Campeão na Bahia.

- Na Expo-Feira de Santana/setembro 79, filhos seus formaram o Conjunto Campeão Progenie de Pai, pela 16a. vez em Exposições na Bahia.
- Diversos filhos e filhas Grandes Campeões.



MANTEMOS A NOSSA TRADIÇÃO IDENTIFICADA COM A EVOLUÇÃO
ECONÔMICA DO NELORE NO BRASIL.

SALVADOR – BAHIA
CEP – 40.000

OCTÁVIO MACHADO NETO
Avenida Manoel Dias da Silva, 2269.
Telefones: (071) 248.0340–248.0997–248.0775.

Agropecuária na Bahia

No governo Antônio Carlos Magalhães as ações desenvolvidas pela Secretaria da Agricultura refletem também a orientação traçada pela atual administração federal, cuja política de desenvolvimento coloca em termos prioritários o objetivo de uma forte expansão agropecuária.

Nessa linha de raciocínio, a ênfase conferida ao desenvolvimento agropecuário do Estado tem como objetivo maior o aumento da produção e produtividade, tendo em vista ampliar a contribuição do setor para o crescimento do produto interno e impedir que a oferta agropecuária se constitua em fator de estrangulamento do processo de desenvolvimento ou um foco de pressões inflacionárias.

Com isso pretende-se, no contexto dos desequilíbrios que caracterizam a economia brasileira, compensar a prevista desaceleração do ritmo de expansão industrial e atenuar os problemas do balanço de pagamento, através do incremento dos excedentes exportáveis.

Com o propósito de atingir tais finalidades estabeleceu-se, no âmbito da Secretaria da Agricultura, um conjunto de Programas estruturados em função de quatro metas principais, assim definidas:

1. Programa de Produção

Com vistas a elevar a produção e a produtividade agropecuária do Estado, através da completa adequação dos fatores às atividades produtivas, a ênfase das ações da Secretaria da Agricultura recaiu nos instrumentos que lhes servem de apoio, tais como: pesquisa e experimentação, assistência técnica e extensão rural, crédito rural e regularização fundiária.

Além desses mecanismos de apoio, outros foram dinamizados, entre os quais utilização de sementes melhoradas, mecanização agrícola, regularização da oferta de insumos e implementos agrícolas, melhoria do estado sanitário dos rebanhos, defesa fitossanitária e desenvolvimento animal.

As atividades de assistência técnica e extensão rural no âmbito da Secretaria da Agricultura, são desenvolvidas pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Bahia - EMA-

TER/BA através da operacionalização de PATER's (Projeto de Assistência Técnica e Extensão Rural), executados em toda área de atuação da Empresa, cujos objetivos básicos se traduzem na sistematização de um conjunto de ações voltadas diretamente para viabilizar a transferência de tecnologia agropecuária e gerencial. Estas ações são coordenadas a nível de campo em 18 regiões administrativas e executadas por 126 unidades operativas.

O programa de Assistência Técnica e Extensão Rural da EMATER/BA em 1979 conseguiu resultados altamente significativos, considerando os números atingidos: Municípios trabalhados 270, produtores assistidos em número de 107.508, projetos elaborados 13.795, valor total financiado dos Projetos de Créditos Cr\$ 1,3 bilhões, recursos humanos utilizados 1.295, recursos financeiros aplicados Cr\$ 302 milhões. A área de atuação da EMATER/BA estendeu-se por 270 municípios que totalizam 501.575 Km² ou seja 89,6% da área total do Estado da Bahia, desenvolvendo trabalhos de Assistência Técnica e Extensão Rural. Os quadros I e II mostram o desempenho da EMATER/BA no setor agropecuário.

Com relação à regularização fundiária a medida essencial foi a implantação efetiva do Instituto de Terras da Bahia INTERBA, a fim de criar condições operacionais para agilizar o processo de regularização de terras do Estado, bem como dotar o Órgão de recursos financeiros e humanos suficientes para que a entidade pudesse desempenhar todas as funções. As ações do INTERBA são executadas a nível de campo por 45 escritórios e agências de terras, sendo que 10 unidades foram implantadas na atual administração. Visando a uma melhor operacionalização das atividades as agências e escritórios serão jurisdicionados a 13 Coordenadorias Regionais, estas funcionando como uma projeção do Órgão Central. Em 1980 serão 80.

No período da atual administração, o INTERBA, no desempenho das atividades de regularização fundiária, entregou 2.021 títulos de domínio. De referência à pesquisa e experimentação a Empresa de Pesquisa Agropecuária da Bahia - EPABA, vem desenvolvendo



O Governador Antônio Carlos Magalhães recebe os cumprimentos do Presidente Figueiredo, pela iniciativa de implantação da CESTA DO POVO

suas atividades através de 6 Unidades de Execução de Pesquisa (UEP), as quais supervisionaram estações e campos de experimentação em diversas regiões do Estado. Os trabalhos de pesquisa conduzidos pela Empresa têm apresentado resultados satisfatórios, principalmente em relação às culturas de feijão, milho, mandioca, algodão, soja, sorgo e oleícolas (repolho, cenoura, cebola e tomate). Foram realizados ensaios com diferentes culturas visando a introdução de espécies mais resistentes e de maior produtividade e realizaram experimentos de consorciação, inclusive o consórcio triplo entre mamona x feijão x milho e duplo feijão x mamona e mamona x milho para, após análise econômica, aconselhar seu uso aos agricultores.

A semente selecionada fiscalizada se constitui em um dos insumos menos onerosos, cuja relação custo/benefício é das mais favoráveis, sendo um dos fatores decisivos no aumento de produtividade. Em época passada existiu uma programação de produção de semente básicas, sendo desativada. Obedecendo as diretrizes do atual Governo Estadual, por considerar prioritária a produção sementes, foi estabelecida uma programação, executada pela EPABA esperando atingir em 1980 (áreas já plantadas) as seguintes metas de sementes básicas (para produção de sementes selecionadas): feijão 75 toneladas, algodão 36 toneladas, milho 30 toneladas e mamona 7,5 toneladas. A continuidade deste programa dará ao Estado da Bahia dentro de mais 1 ou 2 anos a auto-suficiência de semente selecionada podendo inclusive suprir parte das necessidades do Nordeste Brasileiro.

A Secretaria da Agricultura, juntamente com o Ministério da Agricultura, implantou no exercício a Comissão Estadual de Sementes e Mudas da Bahia - CESM/BA com vistas à inspeção da produção, fiscalização do comércio, produção de sementes básicas, beneficiamento, comercialização e difusão do uso de sementes e mudas certificadas e ou fiscalizadas, dando consequentemente um grande passo para o

desenvolvimento do Programa de Sementes Seleccionadas, fator básico no aumento da produção e da produtividade na agricultura.

Relativamente às atividades vinculadas à utilização de sementes melhoradas, destaca-se também a ação do IBC/GERCA, através da operacionalização do Plano de Renovação e Revigoração dos cafezais visando ao desenvolvimento da Cafeicultura no Estado com utilização de técnicas aprimoradas e racionais. No decorrer do exercício de 1979 foram atingidas as seguintes metas: Produção de 25.583.332 mudas, plantio de 21.491.600 covas de café, com financiamento da ordem de Cr\$ 319.576.499 para estas duas atividades e mais Cr\$ 142.062.640,00 financiados para a compra de fertilizantes, corretivos e defensivos para as lavouras de café na Bahia. Assim é que em menos de dez anos — porquanto foi em 71, no primeiro Governo Antônio Carlos Magalhães, que se voltou a plantar café na Bahia — esse produto já se aproxima da posição de segunda riqueza agrícola do Estado, esperando-se para 1980 uma colheita superior a um milhão de sacos.

A regularização de oferta de insumos e implementos agrícolas, da responsabilidade da Cia de Adubos e Materiais Agrícolas da Bahia — CAMAB, está sendo efetuada através o reaparelhamento da rede de 35 unidades de revenda. Além disso, estão sendo implantadas, no período, mais 8 lojas. Na área de mecanização, os serviços se estendem através de 8 grupamentos, cuja frota mecanizada se constitui de 147 tratores, dos quais 48 máquinas foram recuperadas na atual administração. Foi reativada a Fábrica de Adubos da CAMAB situada em Cruz das Almas.

Digno de registro vem sendo o trabalho atualmente desenvolvido de saneamento financeiro da Empresa, cujos resultados já se fazem sentir diante da restauração da sua credibilidade.

Com relação à defesa sanitária, as ações foram operacionalizadas através do Grupo de Erradicação da Febre Aftosa — GERFAB abrangendo 282 municípios do Estado, mantendo sob controle 5.588.613 bovinos em 122.852 propriedades. O Instituto Biológico da Bahia — IBB desenvolveu ações, no campo da defesa sanitária, principalmente por meio de inspeções zoossanitárias e fitossanitárias.

A piscicultura neste exercício recebeu atenção especial, tendo sido concluídas as obras previstas para a Es-

tação de Piscicultura na região Cacaueira e executadas as obras de construção civil e de escavação de viveiros da Estação de Piscicultura Joanes II restando para sua conclusão a instalação de motobombas e redes elétricas e hidráulica. A finalidade destas estações é a produção de alevinos para povoamento de pequenos açudes e aguadas com o objetivo de aumentar a oferta de alimentos protéicos de baixo custo.

Finalmente, na área do melhoramento animal a ação da Secretaria da Agricultura se fez presente através do apoio institucional e financeiro a 23 exposições agropecuárias, participando com ajuda da ordem de Cr\$ 5.580.000,00, sendo que o movimento financeiro destas exposições atingiu a Cr\$ 621.700.000,00. De um modo geral as Associações de Criadores receberam cooperação técnico-financeira nas suas diferentes atividades.

A classificação dos Produtos de Origem Vegetal atingiu nível elevado superando em muito (196%) o programado para o exercício devido ao apoio dado ao setor e à implantação gradual da Lei 6.305. Os produtos que se sobressaíram nesta classificação foram a mamona com cerca de 170 toneladas, sisal 43,5 toneladas de algodão 9,5 toneladas, ficando o restante com cerca de 70 toneladas.

2. Programa de Comercialização e Abastecimento

Através deste Programa, buscou-se aperfeiçoar os mecanismos de comercialização e abastecimento, por meio de ações orientadas no sentido de aumentar a disponibilidade de produtos agropecuários básicos, a fim de torná-los acessíveis às camadas de menos poder aquisitivo, bem como promover a ampliação da rede de armazenamento e ampliação da capacidade armazenadora do Estado.



O povo da Bahia entusiasmou-se com a CESTA DO POVO, um programa com bons resultados para a economia popular da Bahia

A realização de maior impacto na área de comercialização e abastecimento está substanciada no programa "Cesta do Povo", cujo objetivo principal é promover a oferta de alimentos básicos à população de baixa renda, a preços inferiores aos vigentes no mercado. Além dessa finalidade, o Programa objetiva garantir maior estabilidade nos preços dos produtos alimentares e estimular a expansão da oferta interna de alimentos indispensáveis, ambas as linhas de atuação decorrendo de orientação direta e pessoal do Governador Antônio Carlos Magalhães.

Nos 6 primeiros meses do Programa já foram instalados 66 postos de venda, sendo 20 fixos e 46 móveis, distribuídos em bairros de baixo poder aquisitivo, tendo sido comercializadas 6.678,5 toneladas de alimentos (feijão, farinha, arroz, macarrão, açúcar e peixe).

QUADRO 1 — Metas Alcançadas nos Projetos Zootécnicos — 1979

Projetos e Produtos	Beneficiários (Número)	Área Assistida (ha)	Crédito Rápido		
			Nº de Técnicos	Valor Financiado (R\$ 1.000)	
Avicultura	276	1.081,00	80	55,274	
Caprinocultura de Corte	16.622	1.076.000	9.763,40	1.440	985.676
Caprinocultura de Leite	2.536	225.000	142.325	280	160.500
Ovinocultura	1.241	88.000	47.631	80	22.701
Suínocultura	1	100	1	2	200
TOTAL	20.686	1.165.101	2.272	986.496	

(1) Foram trabalhados a produção e comercialização nos municípios da Programação/79.

QUADRO 2 — Metas Alcançadas nos Projetos Fitossanitários — 1979

Projetos Assistidos	Produtores Assistidos (Nº)	Área Assistida (ha)	CRÉDITO RURAL	
			Número de Projetos	Valor Financiado Cr\$ 1.000,00
Abacaxi	835	3.031	99	16.767
Algodão	1.924	5.622	417	65.203
Alho	251	242	9	1.713
Arroz	974	3.083	136	6.379
Batatinha	575	546	26	4.951
Citrus	990	10.932	169	40.508
Feijão	9.375	33.171	752	75.167
Mamona	1.776	8.887	348	36.254
Milho	8.873	21.860	236	17.171
Olericultura	970	4.680	184	31.366
Sisal	806	40.630	71	15.126
Tomate	639	634	117	15.872
Não Programado (1)	1.035	2.774	196	26.837

(1) Foram Trabalhados os produtos café, coco, mandioca e fumo não incluídos na Programação/79

MARUBA MADEIRA RÚSTICA DA BAHIA LTDA.



Executamos em sua propriedade, em qualquer ponto do País, projetos especiais de construções rurais.

- CURRAIS *(vários fins)*
- TRONCOS
- SALEIRAS
- ESTÁBULOS
- INSTALAÇÕES PARA CONFINAMENTO
- PARQUE DE EXPOSIÇÕES
- PISTA DE VAQUEJADA
- CANCELAS
- ENTRADAS RÚSTICAS P/ RESIDÊNCIAS

Em nossas construções, todo madeirame de Lei é tratado com emulsão asfáltica.



MARUBA MADEIRA RÚSTICA DA BAHIA LTDA.

Fábrica: FAZENDA ROÇA GRANDE – MORRO DO CHAPÉU, BA
Escritório: SALVADOR, BA – R. Visconde de Itaboray, 845 - Fone: (071) 248-8699

Desejo receber, sem qualquer compromisso, pelo Correio, as informações abaixo:

Nome:

Endereço:

Cidade: Estado:

☐ Qual o preço médio de um Tronco? ☐ A Maruba poderia fornecer apenas a madeira, deixando a construção por conta do cliente?

☐ Qual o preço do metro de curral? ☐ A Maruba aceitaria permuta de madeira, em troca de alguns de seus produtos?

Fábrica: FAZENDA ROÇA GRANDE – MORRO DO CHAPÉU – BA.
Escritório: R. Visconde de Itaboray, nº 845. Tel. (071) 228-8699 Salvador - BA.

Ainda na área de comercialização ressalta-se a atuação do Instituto de Cacaú da Bahia - ICB, cuja atividade no exercício revela uma fase de conscientização do seu papel de órgão de desenvolvimento regional e, sem superposições, tem procurado atuar nos espaços vazios dos municípios produtores de cacaú.

Neste sentido, o ICB participou, em 1979, com 6,9% do total das vendas e derivados, situando-se no sexto lugar entre os principais vendedores. Em relação ao mercado externo foram comercializados pelo Instituto 119.167 sacos, ou seja 31,2% mais que os números do ano anterior, significando um giro de US\$ 22,0 milhões (18,1 milhões de dólares em 1978).

Na área de infraestrutura física de armazenamento, a Secretaria da Agricultura, através da Cia de Armazéns e Silos do Estado da Bahia - CASEB, construiu quatro armazéns localizados nos municípios de Ibititá, Lamarão, Castro Alves e Barra da Estiva, além de proceder a restauração de unidades em outros municípios do Estado.

O cooperativismo recebeu apoio da Secretaria visando principalmente o seu fortalecimento, como forma de amparar o produtor e beneficiar o consumidor. O Departamento do Cooperativismo promoveu reuniões, participou de assembléias gerais, prestou orientação administrativa, assistência técnica e/ou financeira à maioria das Cooperativas existentes no setor agropecuário.

3. Programa de Organização do Setor Público Agrícola

Neste Programa contemplaram-se ações visando a adequação das instituições e órgãos vinculados à Secretaria da Agricultura, a fim de possibilitar o pleno desempenho das atividades do setor primário no Estado.

Constituíram atividades deste Programa as de supervisão e coordenação superior e planejamento, programação e orçamentação do setor agrícola estadual.

Na área de planejamento a atuação da Comissão Estadual de Planejamento Agrícola - CEPA/BA, vinculada ao Sistema Nacional de Planejamento Agrícola - SNPA, caracterizou-se pela efetiva coordenação das atividades de planejamento a nível estadual, de acordo com a nova orientação estabelecida pela Secretaria da Agricultura. Assim, ao lado do atendimento da demanda do SNPA, a CEPA/BA tem participado ativamente na elaboração de programas e projetos agrícolas em desenvolvimento no Estado, seja em termo da programação normal das atividades vinculadas ao setor público agrícola, como também, assessorando os órgãos em suas programações de projetos especiais.

Deve-se ressaltar, ainda, a elaboração do orçamento-programa da Secretaria da Agricultura para 1980 observando-se no particular, um incremento de recursos da ordem de 120% em relação aos números de 1979, expressando-se, assim, em bases concretas o apoio do Governador Antônio Carlos Magalhães ao setor agro-pecuário.

4. Programas Especiais

4.1 Programas de Desenvolvimento de Áreas Integradas do Nordeste (POLONORDESTE)

Trata-se de um Programa destinado a promover a melhoria do nível de bem estar

da população rural, através do aumento da renda do pequeno produtor rural, quer seja por expansão da produção (melhoria da produtividade e/ou aumento da área cultivada), quer seja pela obtenção de melhores preços a nível do produtor (melhoria no sistema de comercialização).

Neste sentido, a atuação do Programa se concentra na promoção do pequeno produtor, através da oferta de um elenco de serviços de apoio direto à melhoria de produção e da produtividade do agricultor de baixa renda e, complementarmente, assegurando a necessária expansão das suas atividades produtivas pelo fortalecimento da infraestrutura econômica (estradas vicinais e eletrificação rural) e do equipamento social (educação, saúde e abastecimento d'água).

As áreas de atuação do Programa de competência da Secretaria da Agricultura compreenderam em 1979 a Bacia do Paraguaçu e a Região de Irecê. Ressalte-se, contudo, que a ação desta Secretaria através dos serviços de apoio à produção (regularização fundiária, assistência técnica e extensão rural, pesquisa e experimentação e etc.) e de comercialização (infraestrutura de armazenamento), abrange, também, os projetos de desenvolvimento rural integrado das regiões do Além São Francisco e Tabuleiros Costeiros Sul.

4.2 Programa Especial de Apoio ao Desenvolvimento da Região Semi-Árida do Nordeste - Projeto Sertanejo.

Este Programa tem por objetivo básico tornar a economia da região semi-árida mais resistente aos efeitos das secas, mediante a associação da agricultura irrigada com a agricultura seca. Com uma estratégia de organização das unidades produtivas, o Projeto sertanejo procura normalizar, no máximo, o processo de produção e, também, assegurar o nível de emprego, reduzindo as repercussões de natureza social provocadas pelo fenômeno das secas.

No âmbito da competência da Secretaria da Agricultura existem atualmente em operação os núcleos de Irecê, Iraquara e Cipó, estando em implantação o núcleo de Uauá. Para o ano de 1980 mais quatro núcleos do Projeto Sertanejo deverão ser implantados no Estado, todos administrados pela Secretaria da Agricultura.

PERSPECTIVAS

Sementes

As medidas adotadas pela Secretaria da Agricultura, no exercício de 1979, relacionadas à produção, beneficiamento, multiplicação e comercialização de sementes básicas fiscalizadas, abrem uma perspectiva bastante favorável com respeito ao atendimento da oferta interna desse importante insumo agrícola. Assim é que está previsto o atendimento de 50% da demanda de sementes melhoradas, possibilitando o Governo do Estado a solucionar, em parte um dos maiores problemas com que se defronta a agricultura baiana para conseguir um aumento de produtividade e, consequentemente, um acréscimo no volume de produção.

Como um reflexo imediato dessa orientação em relação ao suprimento de insumos agrícolas, deve-se ressaltar a excepcional performance da próxima safra de feijão da região de Irecê, cujas estimativas, até o momento, giram em torno de 2,6 milhões de

sacos significando um volume de produção três vezes superior àquele verificado na safra anterior.

Outro aspecto a considerar diz respeito aos recursos repassados pelo Governo Federal para utilização como crédito rotativo para aquisição de sementes fiscalizadas, evidenciando-se uma complementação dos esforços desenvolvidos a nível estadual visando o aumento da oferta interna de sementes.

Regularização Fundiária

Depois de verificar que o INTERBA não resolveria o problema do conflito de Terras apenas com a expedição de Títulos, o Governador Antônio Carlos Magalhães partiu para uma ação mais vigorosa. Assim, desenvolveu-se um projeto de Ações Discriminatórias na Região do Cacaú, em Convênio com a CEPLAC, no valor de Cr\$ 18 milhões, já em execução. Com ele, espera o Governo resolver o problema de centenas de posseiros dos chamados BOLSÕES DO CACAÚ localizados nos municípios de GUARATINGA, ITAMARI e BUERAREMA.

O segundo projeto de Ações Discriminatórias está começando a se realizar e abrange uma das áreas mais conflituosas: o Além São Francisco. Em convênio com o INCRA, o INTERBA elegeu quatro polos - Sobradinho, Barreiras, Santa Maria da Vitória e Barra com uma área de 640 mil hectares.

Nos quatros polos, o INTERBA vai investir Cr\$ 25 milhões, beneficiando, pelo menos, 10.500 famílias de posseiros. Além disso, a ação do Governo na regularização fundiária do São Francisco viabilizará a implantação de projetos agropecuários e a sua integração ao restante do Estado.

Piscicultura

As possibilidades do desenvolvimento da piscicultura do Estado são bastante amplas, considerando-se não só a extensão de nosso litoral, mas também o potencial pesqueiro das regiões estuarinas e das águas interiores. Este potencial justifica a instalação de intenso programa de aquacultura em viveiros e fazendas de peixes, permitindo a oferta de alimentos de alto teor protéico e baixo custo, em substituição à carne bovina.

Com relação às perspectivas da piscicultura de águas interiores, a Secretaria da Agricultura prevê a produção de 670.000 alevinos em 1980, nas estações existentes na região cacaueira e Joanes II, bem como naquelas que serão instaladas neste exercício. Além disso, será instalado no Parque de Exposições de Salvador um posto de distribuição, com capacidade de estocagem de 360.000 alevinos ao ano.

Por outro lado, a Secretaria da Agricultura vem desenvolvendo ações visando a instalação de Cooperativas Pesqueiras em Sobradinho, objetivando o aproveitamento do imenso potencial existente no lago (20 a 25 mil toneladas/ano), bem como evitar a ação nociva do intermediário, em benefício do pescador da região.

Fábrica de Rações

Um dos maiores entraves ao desenvolvimento da Avicultura e suinocultura no Estado relaciona-se com a escassez da produção local de rações. Neste sentido, a Secretaria da Agricultura vem realizando gestões para a instalação de fábricas com a utilização, sempre que possível, de resíduos agrícolas existentes no Estado.

Uma terra que luta por sua vocação natural:

Morro do Chapéu

A região do Morro do Chapéu, na Estrada do Feijão, compreende uma população de cerca de 800 mil habitantes, espalhada entre vários municípios, e cuja vocação natural para a agropecuária é descoberta com muita pujança pelos dinâmicos empresários rurais. Até o momento, a região servia apenas como descanso do gado que ia para Goiás, devido à abundância de água e pasto nativo, em um clima frio. O município de Morro do Chapéu conta com 5.600 quilômetros quadrados, sendo que a pecuária leiteira é propícia até a 15 km de sede, região de muito verde, restando uma grande área de caatinga e agreste, para pecuária de corte. A região de Duas Barras, vizinha de Morro, é tradicional de longas eras como grande fornecedora de gado, no sertão baiano.

A vocação para a pecuária e para agricultura típica de clima ameno, teria que ser redescoberta! Os arroçados criadores conseguiram a criação do Polo Cafeeiro, com crédito abundante e, daí para a implantação de um polo pecuário, seria apenas um pulo rápido. O melhor seria criar a Associação dos Criadores da Região de Morro do Chapéu, impulsionada pelo vigor da expansão dos cafezais.

E surgiu a idéia do Parque de Exposição, visando adequar o gado à região de clima estranho ao sertão. Esse era o objetivo principal da Associação. Até a cidade de Xique-Xique, pela rodovia, não existe nenhum Parque, pois até a barranca do Rio São Francisco somente existe agricultura.

A idéia pegou fogo e o Dr. João Borges Egouet Neto fez uma doação de um terreno de 60 mil metros quadrados para o futuro Parque. Faltava o dinheiro para as obras, mas isso não atemorizou os intrépidos pioneiros que, marcaram a data de Abertura e fizeram grande divulgação: o Parque teria que ser construído em 60 dias, apenas. As anuidades dos sócios somaram 65 mil cruzeiros, cada um resolveu doar um bezerro para Leilão que, na soma final, rendeu mais uma boa quantia, ainda insuficientes. Alarmados, mas todos movidos pelo mesmo ideal, os promotores realizaram um fulminante levantamento de recursos, no valor de 20 mil cruzeiros, para cada sócio, cada um avaliando Promissórias de seus colegas, e o resultado é que o Parque foi construído, com 60% dos recursos estimados, ficando o restante para ser pago com a própria receita.

Mas os grandes lances não foram apenas conseguir recursos. O problema era "como" construir um Parque, como determinar um traçado prévio para o arquiteto? O atual presidente da Associação não teme dizer que foi expulso do Parque de Feira de Santana sob ameaça de revólver, pelo vigia desprevidado que não tivera tempo de ver que os "intrusos" estavam apenas coletando medidas e detalhes de construção. Depois de muitas peripécias, e da análise de dezenas de Parques, ficou pronto o esboço da obra.

As facções políticas disputavam a primazia da idéia e o assunto já virou folclore,



A abertura da Exposição, com alegria, chuva em excesso, e muita ansiedade, mas uma total confiança no sucesso da realização.

pois cogitou-se até da formação de um "partido independente dos pecuaristas" na região. No final, até os políticos deram as mãos e foram ao Parque ver como andavam as obras, e ajudar na maior maratona que a cidade já havia visto. Ninguém era dono de seu carro, ora andava-se de automóvel, ora de caminhão, ora de motocicleta, ora de cavalo, ninguém podia retirar as chaves dos carros, ou trancar as portas, pois a prioridade era a construção do Parque, e os veículos eram — nesse momento — Propriedade comum, para o bem comum.

E o Parque de Exposição ficou pronto! Em 60 dias, com chuva diariamente, muito barro, atoleiro, e — no dia da inauguração — tentava-se levantar algumas faixas que logo eram derrubadas pelo ventaval, pregavam-se tábuas, desatolavam-se os caminhões de gado que chegavam de todos os lados, buscava-se forragem para o gado, e a chuva caía sem cessar, impedindo até nossas fotografias. Com área cercada, lá estavam 105 currais, uma pista de vaquejada, 2 galpões para reprodutores e outros para ovinos, escritório, desembarcadouro, pista de julgamento e arquibancadas, com muita área livre para estacionamento e recreação. O importante é que a concepção é moderna, nesse Parque, pois o público e veículos não atrapalham a comercialização, em nenhum momento!

E o gado chega: Nelore, Indubrasil, Gir, Holandês, Schwyz e até um legítimo plantel puro de Red-Poll, vindo do melhor plantel paulista, Sr. Lívio Malzoni, de Matão, constituindo a grande novidade em bovino, no Parque.

E os Bancos vieram dar o seu apoio: Banco do Brasil, Banco do Nordeste e o Banco do Estado da Bahia. Em apenas dois





dias, sob chuva inclemente, havia esgotado o limite divulgado: 40 milhões, mas todos lutavam por uma prorrogação, pois o gado era realmente muito bom e os compradores chegavam de todos os lados. Os Bancos resolveram, depois de muita luta, permanecer no recinto, durante mais dois dias, aumentando, portando, aquele limite de financiamento.

No domingo, a chuva caía a cada 20 minutos, forçando o povo a buscar refúgio sob as barracas, pequenas para a grande multidão. Tudo era festa, tudo eram sorrisos, pois as vendas animavam a todos. Não faltava energia nem água, nem forragem, e o trabalho era constante em todos os setores, pois o sucesso era um supremo desafio e os morrenses estavam, a todo instante, "fiscalizando" os possíveis erros ou falhas.

Embora a capacidade do Parque previsse 1.200 cabeças, havia, no recinto, mais de 1.500. Para o próximo ano, está prevista uma capacidade de 2.500 cabeças.

Durante o dia inteiro corriam as notícias de carros que se atolavam, de caminhões que não chegavam porque foram carregados pela água, e os tratores expostos para venda eram utilizados, como cortesia, para o trabalho, tanto dentro como fora do Parque.

E a coragem e ousadia dos intrépidos batalhadores acabou coroada de sucesso. Ninguém acreditava na vitória, com tanta chuva e tantos atrasos, e tanta precariedade! Mas a confiança, a responsabilidade de todos, não podia conduzir a outro caminho, senão ao prêmio final.

E o valente baiano do interior provou, mais uma vez, que mesmo sem apoio oficial, lastreado apenas em sua coragem, consegue vencer as duras batalhas, em busca da realização de uma vocação natural, a vocação para o cultivo da terra e da pecuária.

Nossos agradecimentos a Lia Accioly, um "baluarte de trabalho e simpatia" que, em todas as frentes de trabalho, garantia alegria e a certeza da vitória, pelas informações prestadas.



NAUTICO
do E.A.
Reg 1.901

FAZENDA

DUAS BARRAS

Criação da Raça PITANGUEIRAS
com especialidade de Leite e Carne, em regiões de clima tropical

Prop: EDUARDO ALVES DE ALCÂNTARA

SANTO INÁCIO—Baraná—CEP 86650

Endereço: Rua Massaru Uchida, 904

Fones: 262 e 263

**VENDA PERMANENTE
DE REPRODUTORES**

CRUZAMENTO É FALTA DE PATRIOTISMO

O batalhador Tarley Rossi Vilela, da Associação dos Criadores de Gir do Brasil, vem empreendendo uma grande luta e, para isso, não tem perdoado gregos e troianos. Agora, invectiva contra os cruzamentos, tanto os preconizados pelo Governo, como os feitos à revelia.

"A europeização do rebanho brasileiro - diz ele - é o maior crime que está acontecendo. Querer impor o boi taurino, criado e selecionado para clima frio, no clima tropical, é absurdo dos maiores que se pode defrontar.

Ou essa gente não entende mesmo nada de nada, ou quer fazer todo mundo de bobo, neste País. Querer criar rebanho no Brasil, com características do rebanho europeu, no mesmo sistema, é imbecilidade criminosa, pois vem com a desculpa de transferir ao zebu, adequado para nosso clima, a capacidade de carne e de leite do boi europeu. É um engodo. Não precisa ser muito inteligente para saber que tais experiências fracassaram. A medida que desaparece o sangue do Zebu no clima tropical, passam a desaparecer as qualidades de carne e leite.

As condições do criatório brasileiro são as mais invejáveis; podem criar o maior rebanho no mundo, alimentado exclusivamente pelas pastagens excepcionais que possuímos e que, vantajosamente, podemos aumentar, ainda mais.

Mas, pelo clima quente e nosso sistema de criação extensivo, isto só é possível através do zebu, o que não é surpresa para ninguém.

Esse boi que veio da Índia, pela extraordinária capacidade de adaptação no Brasil, já se transformou em animal de ótimas condições frigoríficas, dando 17, 18 arrobas de carne aos dois anos e meio, três anos de idade, exclu-

sivamente na base da invernada, sem sequer comer um grão de ração.

Também está provado que as boiadas de origem européia, criadas no Rio Grande do Sul, dão em média quinze a dezesseis arrobas, no máximo, com quatro anos e meio a cinco anos de idade.

Para melhorar a capacidade frigorífica e rusticidade do rebanho gaúcho, está sendo levado para lá muito touro Nelore e Tabapuã.

Querem apontar como resultado lógico o primeiro cruzamento do europeu com o indiano. Ora, no meio sangue zebu, no primeiro choque, tudo vai bem. No decorrer das gerações é que se verifica a transformação para o já conhecido curraleiro de oito a nove arrobas, em sua franca degenerescência.

Se continuarmos com essas experiências do óbvio, dentro em pouco não existirá mais zebu para levar através de seu sangue, às regiões mais quentes do País, esse gado de origem européia. Aí estaremos já no caos. E, onde vamos buscar a solução adequada para produzir carne e leite, em nosso clima tropical?

Será que os homens do Ministério da Agricultura não vêem que, tomando por base cem vacas cruzadas, na produção de leite, elas não conseguem mais do que mil litros diários na base da ração caríssima, feita de grãos, fazendo concorrência à alimentação humana, sendo que duzentas e cinquenta vacas Gir, Guzerá, Red Sindhi ou Indubrasil podem produzir os mesmos mil litros diários, sem se gastar um quilo de ração, e ao mesmo tempo, em vez de cem bezerros tucuras para o corte, produzir duzentos e cinquenta bezerros zebu, capazes de uma produção de carne muito maior?

OU SERÁ QUE O BRASIL É UMA EUROPA onde o espaço é muito reduzido?

BANCO CENTRAL ADVERTE SOBRE CRÉDITO RURAL

O Banco Central já comunicou à rede bancária as irregularidades capazes de afastar banqueiros e agropécuaristas das operações de crédito rural. Como forma de conter o desvio de recursos subsidiados à agropecuária para outros fins, o BC vai considerar indôneos bancos e produtores que praticarem: aplicação dos recursos em atividades não previstas no orçamento do crédito rural; uso de documentos falsos ou adulterados; concessão de financiamento com base em documentos inexatos; aceite de devolução de bens adquiridos com recursos subsidiados, sem a restituição das quantias correspondentes ou subscrição de laudos falsos de fiscalização, de assistência técnica e serviços similares.

ALAGOAS AINDA SEM ABCZ

O Estado de Alagoas, continua sem o Escritório Técnico da ABCZ, ou de uma Delegada, embora a decisão da Entidade já tenha sido favorável. O impecilho vem sendo colocado dentro do próprio Estado, por autoridades que não aceitam um Escritório e querem uma Delegada. Quem vai somando prejuízo é o Estado que já poderia contar com o Serviço de Registro próprio, há bastante tempo. O criador Fernando Coutinho, atual presidente da Associação dos Criadores de Alagoas acredita que o importante é a implantação da ABCZ no Estado, uma vez que a Sociedade Nordestina, na pessoa do Dr. Estimas, já liberou os materiais, bastando apenas a Entidade alagoana resolver tomar o comando geral. A oposição, como se pode notar, é bastante forte e Fernando Coutinho acredita em uma solução até a próxima Expo.Uberaba.

FAZENDA MALHADA DA AREIA



MORRO DO CHAPÉU
BAHIA

INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL
com semen de Chianino, Marchigiana,
HVB e HPB

**Seleção MANGALARGA
MARCHADOR**

LIA LEITE ACCIOLY LINS

SALVADOR — BAHIA
R. Marquês de Caravelas, 10
apto. 1001.
Fone: (071) 247-6351

TECNOLOGIA PAULISTA PARA O PIAUI

Através de convênios entre o Itaf de Campinas e o Governo do Piauí, será permitida a criação de várias agroindústria e Comércio do Piauí, José Luiz Maher. A cooperação técnica estava prevista desde 1968 e vai abranger principalmente a área de alimentos.

O Itaf já apresentou uma relação de trabalhos executados nas áreas de produção de alimentos, treinamento de pessoal, aproveitamento do caju e da mamona, gergelim e industrialização do mel, milho, alho e urucum, soja, arroz e mandioca. Até o início de dezembro será formalizado o desenvolvimento do projeto integral entre aquela instituição e o Governo do Piauí.

PESTE SUINA FOI MESMO UM BLEFE

O assunto tão polêmico, que obrigou a extinção da maior parte do rebanho porcino brasileiro, volta à tona com novidades surpreendentes.

A FAO enviou técnicos espanhóis ao Brasil que se preocuparam em recolher 118 lâminas de animais considerados como "condenados", na ocasião.

Depois de rigorosos exames, os técnicos concluíram que nenhum daqueles animais poderiam ser considerados como portadores de vírus de Peste Suína Africana.

O assunto foi divulgado no Jornal do Brasil, mas nenhuma autoridade brasileira se manifestou a respeito e ninguém contestou as afirmações da FAO, deixando claro que todos os responsáveis pela "grande mancha" preferem "enterrar o assunto bem depressa".

AGRICULTOR É INDENIZADO PELO GOVERNO

No orçamento enviado ao Congresso, o presidente Carter, apresenta uma verba de 2 bilhões de dólares, para 1980 e mais 800 milhões, para 1981 visando proteger os agricultores norte americanos que sofrerem prejuízos econômicos, em consequência da suspensão das exportações de cereais à União Soviética, por causa do conflito no Afeganistão.

No Brasil, ocorre o contrário: o governo incentiva a plantar, com promessas e depois assiste ao desastre do agricultor, como ocorreu no São Francisco, onde os ministros deixaram claro que não haveria mais enchentes e muitos já perderam todo o esforço, por terem confiado nas palavras dos dirigentes da nação.

MANGALARGA COM NÚCLEO NA BAHIA

Seguindo instruções do Presidente Dr. Fausto Simões, da Associação Brasileira de Criadores de Cavalos da Raça Mangalarga,

reuniram-se em Salvador, os criadores Frederico Edelweiss, Gileno Amado Brandão, Francisco Moreira Teixeira e Tourinho de Abreu e Filhos, visando constituir um Núcleo operacional. O Diretor nomeado, na ocasião, foi o Dr. Carlos Fernando Gonçalves Abreu, sediando-se o Núcleo na Federação da Agricultura do Estado da Bahia, até que seja providenciado uma sede definitiva no Parque de Exposições da Bahia. O Núcleo pretende promover leilões, sorteios, etc. Um novo técnico será admitido, após estágio de aperfeiçoamento em São Paulo e muitas outras iniciativas serão levadas a efeito pelo Núcleo recém-criado.

CONVERSA FIADA SOBRE CRÉDITO

Diversas Exposições nordestinas enfrentaram graves problemas com os Bancos, principalmente Banco do Brasil. Crato, Natal, Campina Grande, são alguns exemplos de falta de instruções claras e precisas sobre financiamento de gado no recinto.

Em Campina Grande, até o momento final, os expositores de gado mestiço, não obtiveram financiamento e ameaçavam soltar o gado dentro do recinto, junto aos animais de raça, uma vez que não contavam com qualquer apoio por parte das autoridades no sentido de facilitar as vendas. Mas foram convencidos a suportar mais essa dura prova e assumir os prejuízos com transporte, alimentação, etc. de seu gado até a cidade. E eles aceitaram!

FAZENDA **ESPERANÇA**

Dr. JOSÉ NIVALDO

SURUBIM, PE — R. João Batista, 38 - Fone: 226

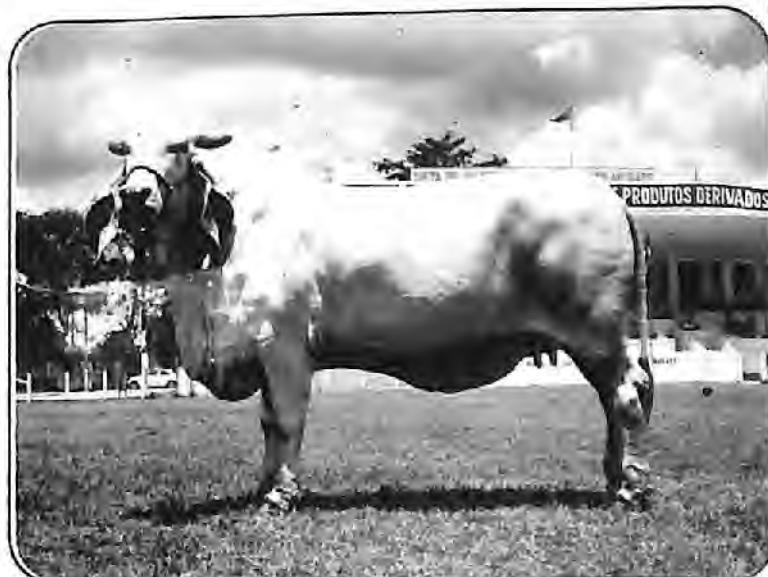
RECIFE, PE — R. Itapeçerica, 17 - Prado - Fone: (081) 227-4576

Com 10 animais, obtivemos os seguintes títulos em Recife/1979

- | | |
|--------------------------|-------------------------------|
| ● Campeã Bezerra | ● Melhor Progenie de Mãe |
| ● Campeã Novilha | ● Reserv. Grande Campeã |
| ● Melhor Desenvolvimento | ● Reserv. Campeão Touro Jovem |
| ● Ponderal | ● Reserv. Campeão Júnior |
| ● Melhor Progenie de Pai | ● Reserv. Campeão Bezerra |

MELHOR EXPOSITOR DA RAÇA — Campina Grande, PB

SELEÇÃO INDUBRASIL



PALMEIRINHA

- Campeã Bezerra — Expo. Nordestina/79.
- Campeã Bezerra — Expo. Paraibana/79.
- Reserv. Grande Campeã — Expo. Paraibana/79.

BATALHA

- Grande Campeã da Raça — Expo. Paraibana/79
- Campeã Sênior — Expo. Paraibana/79
- Reserv. Grande Campeã da Raça — Expo. Nordestina/79
- Reserv. Campeã Sênior — Expo. Nordestina/79.



IMPRENSA REAGE A DELFIN NETTO

Nem todos os nordestinos enxergam com bons e dolentes olhos as iniciativas de Delfim Netto. Eis o que diz O Norte, de João Pessoa, na íntegra: "O Ministro Delfim Netto tem se notabilizado por falar uma linguagem favorável ao Nordeste e, ao mesmo tempo, tomar medidas contra a região. Lembro-me bem que, quando saiu o decreto-lei do Benfiex, criado para ajudar a indústria automobilística paulista, 'O Estado de São Paulo' saiu com esta manchete: 'Criado o Benfiex para ajudar a indústria do Nordeste'".

Esta manchete está baseada nas declarações do ministro. Quando foi assinado o decreto-lei que criava o PIN e que cortou 30% dos incentivos fiscais, sua excelência declarou que o mesmo se destinava a permitir a construção da "Transamazônica, que estancaria a migração para o Sul e que iria beneficiar o Nordeste". Quando o Proterra nos tirou mais de 20% desses investimentos, o ministro declarou que era para desenvolver a agricultura nordestina.

Assim que o Sr. Delfim assumiu o Ministério da Agricultura, fez sucessivas declarações de apoio ao Nordeste e defendeu a mudança de posição do governo Federal, em relação à região. Agora, levou o presidente Figueiredo a assinar o decreto-lei 1.701, que prorroga o PIN e o PROTERRA, até 1985. Com esta medida deixará de vir para o Nordeste, sob a forma de recursos do FINOR, a importância anual de dez bilhões de cruzeiros, ou seja, em valores deflacionados, cinquenta bilhões de cruzeiros no quinquênio 1981/1985.

Não há dúvida de que a política de industrialização da SUDENE precisa ser revista, de modo a se evitar a má aplicação de recursos e, também, para que pequenas empresas sejam beneficiadas. O que não se justifica são os sucessivos golpes contra o Nordeste.

Primeiro foi o decreto-lei 1.106, assinado em junho de 1970, que criou o PIN, com vigência até 1974, cortando 30% dos incentivos fiscais. Em julho de 1971, foi assinado o decreto-lei 1.179, que criou o PROTERRA até 1976, cortando mais 20%. Posteriormente foram prorrogados até 1978,

pelo decreto-lei, de outubro de 1972.

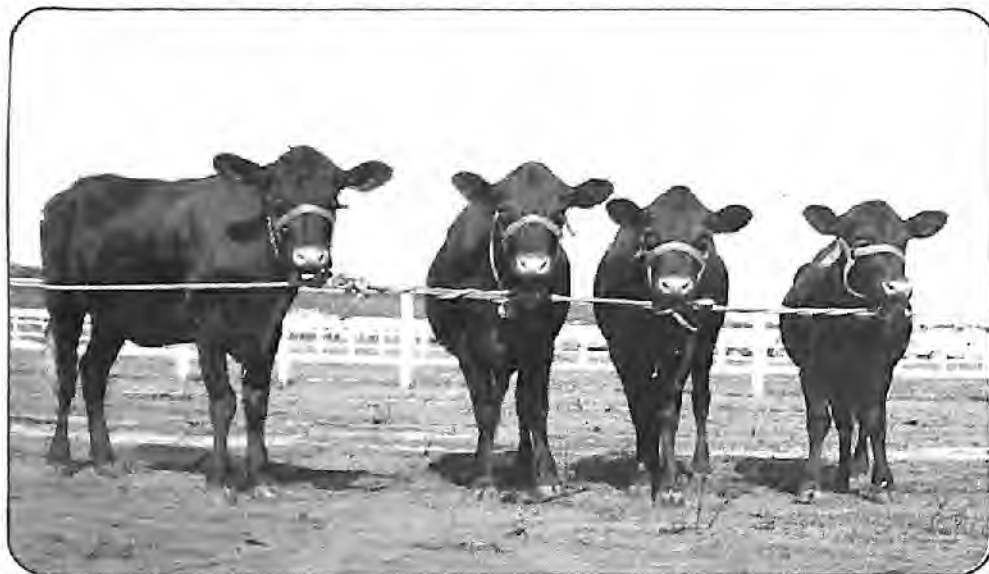
Em dezembro de 1978, o decreto Lei 1.644 prorrogou o PIN até 1980. Com o Nordeste nada declarou, mantendo uma silenciosa atitude, com a omissão de sua bancada e com as suas lideranças sem se manifestarem a respeito, o Governo resolveu prorrogá-los até 1985. Lamentavelmente, esta prorrogação foi assinada, um dia após a volta do presidente Figueiredo, do Recife."

O título da matéria, em O Norte é: Delfim Netto não tem coragem de olhar o Nordeste de frente.

O NORDESTE ESTÁ PARADO

O presidente da Agropene, Associação dos agropecuaristas do Nordeste, Fernando Brasileiro salientou que "os grandes programas regionais, a exemplo do Polonorte e Projeto Sertanejo estão parados por falta de recursos. Enquanto os gastos públicos, na região sul, entregam 21 bilhões ao metrô carioca, o Finor teve um orçamento total, em 1979, de 13 bilhões. O tratamento é absolutamente contraditório, em relação com a prioridade preconizada pelo presidente Figueiredo," conclui.

Conjunto de novilhas puras Red-Poll



BARÃO, Contr. 30



FUTUROS PADREADORES RED-POLL



BATUQUE, Contr. 48



FAZENDA

COVÃOZINHO

ODILON GOMES DA ROCHA

SELEÇÃO
iniciada há 8 anos

- RED-POLL
- TABAPUAN

À VENDA

- Tourinhos Red-Poll
- Tourinhos Tabapuan
- Mestiços Red-Poll x Tabapuan

MORRO DO CHAPÉU, BA — R. Pedro II — nº 5
SALVADOR, BA — R. Camurujipe, 5, apto. 101 — Fone: (071) 247-0864

PECUARISTAS DA BAHIA REAGEM: O GOVERNO É QUE PROVOCA A CRISE

A ABAPE — Associação Baiana dos Pecuáristas, a Federação da Agricultura do Estado da Bahia e outras entidades reuniram-se para enfrentar as últimas decisões do governo, decisões que implicarão em sucessivos aumentos no preço da carne, ou então, no aniquilamento do setor pecuário.

Da reunião, ficaram evidentes as seguintes conclusões:

1) — O governo é o principal responsável pela crise, por não haver dispensado à atividade pastoril a suficiente assistência técnica e financeira, resultando no desfalque do rebanho nacional.

2) — Falta uma política definida para o setor, tendo em vista a recuperação do rebanho num prazo mínimo de cinco anos, com decidido apoio creditício, sem o que não se pode esperar uma pecuária autossuficiente.

3) — As improvisações, a nível de governo, precisam acabar. O exemplo principal são as importações de carne, onde o governo paga aos pecuaristas no exterior um preço superior ao preço pago aos brasileiros.

4) — As únicas medidas concretas adotadas até agora foram: retirada dos subsídios, a suspensão do crédito à pecuária, as importações de carne, queijo e leite em pó (este dos países do leste europeu, com teor de gordura somente aconselhável para porcos), aumento exagerado do imposto sobre a propriedade da terra, elevação das taxas dos juros e a introdução da correção monetária, pela primeira vez na história do Crédito Rural.

5) — O governo insiste, assim, nos mesmos erros do passado, caracterizado por ações impensadas, distorções e omissões que levaram a pecuária de corte e leite ao descalabro.

6) — Durante vários anos, os produtores foram massacrados pelos frigoríficos, atravessadores e fornecedores, obrigando-os a se descapitalizarem e a adotarem novas opções de investimento, sacrificando suas matrizes.

7) — Ainda hoje, com os preços de carne e leite contidos, os insumos não sofrem qualquer pressão e registram altas insustentáveis. Estão neste caso, o arame farpado, os produtos químicos e veterinários, máquinas e implementos, fertilizantes, rações e tudo o mais que se exige numa fazenda.

8) — O preço da arroba de boi aumentou mais de 100% nos últimos 12 meses,

mas esse aumento representa pouco mais de 20% em termos reais, ao se considerar a inflação. O preço, hoje, é real, e deverá persistir em alta, tornando difícil o abastecimento.

O documento conclui que, diante desse quadro, os pecuaristas baianos manifestam-se inconformados com a falta de um programa definido para o setor e repelem quaisquer medidas que impliquem na suspensão de crédito, no aumento da taxa de juros (que passou de 7 para 35 por cento) e na aplicação da correção monetária ao crédito rural.

Se a agropecuária é, de fato, a meta prioritária do governo, o que deve ser feito com urgência, é a implantação de linhas especiais de crédito, com juros compatíveis com a rentabilidade do setor, para a recuperação dos rebanhos, afim de que o Brasil não venha a ser, futuramente, como prevê a FAO, o segundo maior importador de carne do mundo.

Finalmente, os pecuaristas esperam que o presidente Figueiredo cumpra o tratamento diferenciado anunciado para o Nordeste e cumpra suas próprias palavras, quando disse: "o Nordeste quer aquilo a que tem direito, não quer mais, nem aceita menos. Quer precisamente aquilo que o Brasil lhe deve: mais compreensão e mais justiça."

ANTARES AGROPECUÁRIA LTDA.

VINICIUS MEIRELLES Estrada Morro do Chapéu / Bonito — Km. 8

Correspondência:

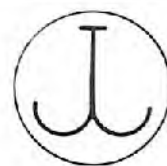
MORRO DO CHAPÉU, BA — Praça Augusto Público, 9

BOVINOCULTURA:
Nelore e Indubrasil

OVINOCULTURA:
Sel. Bergamasser

CAFEICULTURA

NOVILHOS e BEZERROS
à Venda



FAZENDA

MALHADA GRANDE

MORRO DO CHAPÉU — Bahia
ORLANDO BASTOS MOREIRA

SALVADOR, BA — R. Glicério Santos, 3, brotas —
Fone: (071) 244-0296

Criação de gado, com Inseminação Artificial, utilizando semen dos melhores touros holandeses.

COLIBRI — Comercial e Agropecuária Ltda.

na pessoa de Odilésio Gomes, ex-prefeito de Morro do Chapéu, pioneiro da implantação do Polo Cafeeiro na região da Chapada Diamantina, congratula-se com os batalhadores pecuaristas da região. Consolidada a 1ª. fase da Colibri com Hotel, Posto de Combustíveis e Lanchonete, a empresa investirá, dentro da orientação da Bahiatursa, em um Hotel de Turismo, visando expor as fontes termas, grutas, orquidário natural e as vantagens dessa nobre região.

NOS INDICES DE INFLAÇÃO O BOI PESA O MESMO QUE O MINISTRO DO PLANEJAMENTO

Cerca de 80 por cento dos mutuários do Banco do Brasil estão atrasados e, certamente, não poderão arcar com o aumento da taxa de juros, de 7 para 35 por cento. O Presidente do Sindicato Rural de Feira de Santana, Vicente Quezado Leite é de opinião que o Ministro, ao lançar a medida, o fez com intenção de punir os pecuaristas, como aconteceu em 1973, só que agora ele não possui o AI-5. Confessou que os pecuaristas estão com Delfim atravessado na garganta, desde as suas últimas investidas no setor.

Marcelo Gomes, da ABAPE—Associação Baiana de Pecuáristas frisou que "estamos à procura de um preço real e não um preço político. Em 1973 a arroba custava Cr\$ 140,00 e foi reduzida para Cr\$ 90,00, com objetivo de sustentar o milagre. Hoje, o atual preço da arroba não é o real. Irá aumentar até atingir Cr\$ 2.000,00. O governo pode nos aniquilar, totalmente, se não pagarmos os débitos nos bancos e a única forma de pagá-los é arranjar dinheiro com os bois."

O governo mentiu para o povo, continua Marcelo Gomes, quando disse que a carne era grande responsável pela inflação. "Na verdade, o boi pesa o mesmo que o Ministro do Planejamento, que é gordinho". Condenou que nenhuma atitude tivesse sido tomada em relação aos bancos, na maioria multinacionais, que têm correção elevada, contribuindo decisivamente para o aumento da inflação. Mas eles, os bancos, ficam impunes.

Os nordestinos não têm condição de passar, de criadores para plantadores, como os fazendeiros sulinos, devido às condições climáticas. Dessa maneira, a decisão de Delfim veio arrasar as esperanças dos nordestinos, sabendo-se que 90 por cento deles, que possuem rebanho abaixo de 200 cabeças de gado, sofrerão com a medida.

EXPOSIÇÕES DE 1980 — Calendário

Como no ano de 1979, existem algumas Exposições importantes, no Nordeste, coincidindo em suas datas. Acreditamos que os responsáveis pela promoção venha a fazer modificações nesse Calendário, principalmente, as Exposições de Capitais. Assinalamos com asterisco, as Exposições que estão muito próximas de outras grandes.

MARÇO		AGOSTO	
02 a 09	SALVADOR, BA	03 a 10	ALTAMIRA, PA
12 a 15	NATAL, RN (Expo—Feira)	07 a 10	CAJAZEIRAS, PB
20 a 23	LIMOEIRO, PE	10 a 17	BACABAL, MA
26 a 30	MUNDO NOVO, BA	17 a 24	PARAGOMINAS, PA
ABRIL		20 a 24	CAMPO MAIOR, PI
04 a 06	ANGICOS, RN	21 a 24	ARCOVERDE, PE
06 a 13	CARPINA, PE	21 a 24	SERRINHA, BA
12 a 20	S.J. PIAUI, PI	24 a 31	CAMPINA GRANDE, PB
13 a 20	ITAPETINGA, BA	28 a 31	UAUÁ, BA (Ovinos e Caprinos)
18 a 20	CURRAIS NOVOS, RN	29 a 31	NOVA CRUZ, RN
23 a 27	SURUBIM, PE	SETEMBRO	
MAIO		07 a 14	PINHEIRO, MA
02 a 04	MOSSORÓ, RN (Ovinos e Caprinos)	07 a 14	ENTRE RIOS, BA
10 a 17	BALSAS, MA	11 a 14	SOUZA, PB
14 a 18	FLORIANO, PI	14 a 21	CASTANHAL, PA
21 a 25	GUANAMBI, BA	17 a 21	PIRIPIRI, PI
22 a 25	OURICURI, PE	21 a 28	MANAUS, AM
30 a 1/6	JOÃO CÂMARA, RN	* 21 a 28	NATAL, RN (Eduardo Gomes)
JUNHO		* 21 a 28	FEIRA DE SANTANA, BA
05 a 08	PETROLINA, PE	25 a 28	TAPERÓIA, PB
06 a 15	GRAJAU, MA	28 a 5/10	SANTARÉM, PA
11 a 15	CORRENTINA, BA	OUTUBRO	
13 a 14	PAU DE FERRO, RN	02 a 05	BOM CONSELHO, PE
18 a 22	PICOS, PI	09 a 12	MONTEIRO, PB
19 a 22	CABROBÓ, PE	12 a 15	RIBEIRA DO POMBAI, BA
29 a 2/7	CURACÁ, BA (Ovinos e Caprinos)	15 a 19	BATALHA, AL
JULHO		15 a 19	PARNAIABA, PI
03 a 06	SERRA TALHADA, PE	18 a 20	SANTANA DO IPANEMA, AL
04 a 06	MARISAL, RN	19 a 26	TEIXEIRA DE FREITAS, BA
06 a 13	SANTANA, BA	* 19 a 26	BELEM, PA
06 a 13	IMPERATRIZ, MA	* 21 a 28	SÃO LUIS, MA
06 a 13	MARABÁ, BA	23 a 26	SOLÂNEA, PB
10 a 13	PATOS, PB	NOVEMBRO	
13 a 20	CAROLINA, MA	02 a 09	PALMEIRA DOS INDIOS, AL
16 a 20	SERTANEIA, PE (Caprinos e Ovinos)	07 a 09	AMARGOSA, BA (Leilão)
20 a 27	CODÓ, MA	* 09 a 16	JOÃO PESSOA, PB
20 a 27	BARREIRAS, BA	13 a 16	MIGUEL CALMON, BA (Caprinos e Ovinos)
20 a 27	CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA, PA	* 16 a 23	RECIFE, PE
24 a 27	CAICÓ, RN	* 18 a 24	TERESINA, PI
24 a 27	PIANCÓ, PB	* 25 a 2/12	MACEIÓ, AL
27 a 3/8	JACOBINA, BA	DEZEMBRO	
31 a 3/8	COCOS, BA	05 a 07	CASA NOVA, BA (Ovinos e Caprinos)
31 a 3/8	S. JOSÉ DO EGITO, PE		

FAZENDA

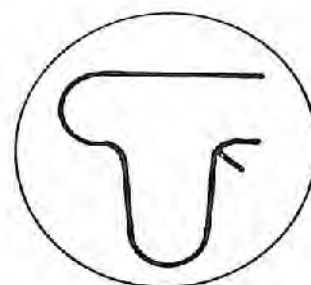
NASCENÇA

WILSON MENDES MARTINS

Morro do Chapéu, BA — Cel. Dias Coelho, 4

TOURINHOS REPRODUTORES à VENDA

Gado de corte e
Leite. Base:
Holandês e
Indubrasil



FAZENDA

SANTA MÔNICA

Km 45 — Estrada Jacobina / Morro do Chapéu

LUCIANO JOSÉ COSTA FIGUEIREDO

Correspondência:

MORRO DO CHAPÉU, BA — Fone: 2141

SALVADOR, BA — R. Almirante Barroso, 65, Rio Vermelho — Fone: (071) 247-0169

SELEÇÃO
NELORE



FREDERICO S. EDELWEISS

FAZENDA SANTO ANTÔNIO — ITAGIBÁ, BA

e Irmãos

ITABUNA, BA — Rua Floriano Peixoto, 165; CEP 45600 - Fones: (075) 221-2731/5672

NOTURNO—JO ➡

Pai: Chapéu—JO
Mãe: Penumbra—JO

Seleção
MANGALARGA
PAULISTA



JANGADA — FE

14 meses

Pai: Noturno — JO

Mãe: Zuada do Mocó

Campeã
Potra
em Ipiáu/79

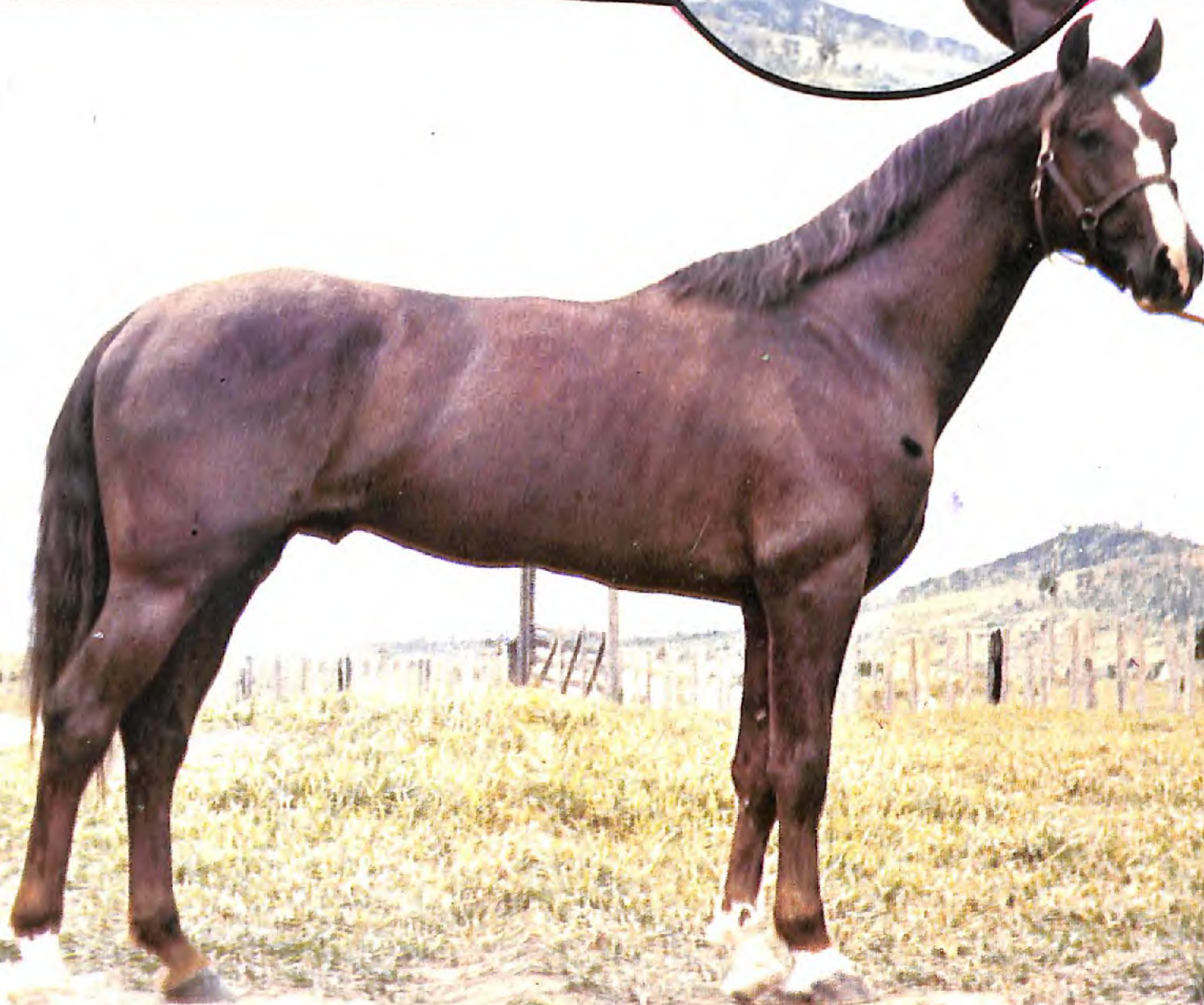
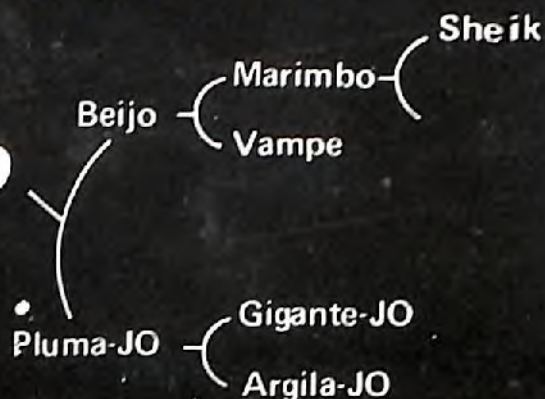
PONHA FÉ EM SUA TROPA

Fazenda SANTO ANTÔNIO

SELEÇÃO MANGALARGA (PAULISTA)
O CAVALO DO PEÃO E DO PATRÃO

PENACHO-JO

R. Campeão da Raça
Expo. Estadual de Salvador
Janeiro-1979



Técnico responsável
Agrº GILENO AMADO BRANDÃO

Fazenda: Km 691, da BR-101 (entre Eunápolis e Itagimirim) -
Município de Santa Cruz Cabrália - Bahia.
Correspondência: Praça Olinto Leoni, 84, s/505 - Cx. P. 6 - CEP
45.600 - Itabuna, Bahia - Fone: (073) 211-1714.